



WLADIMIR OLIVIER

UM CASO
DE
REGRESSÃO
DE
MEMÓRIA

GRUPO DO LIVRO II

ÍNDICE

Nota explicativa	
1. A hora da despedida	
2. Primeiras revelações	
3. Visão da realidade	
4. Nosso herói chora	
5. Mudando de cor	
6. Felícia	
7. O narrador interrompe	
8. Despertando	
9. Lourival regride no tempo	
10. O sonho	
11. A morte dos amigos	
12. José Leocádio	
13. Verônica e Petrônio	
14. Catarina e Nicanor	
15. Sombras que se desfazem	
16. O benfeitor se declara	
17. Nova interrupção do narrado	
18. A primeira regressão	
19. Pastor sem rebanho	
20. Na umbanda	
21. Recluso	
22. A decisão	
23. Anuência	
24. A grande dívida	
Epílogo	

NOTA EXPLICATIVA

Se tivéssemos o dom da poesia, faríamos estes textos em versos, pois somente a linguagem poética tem o dom de falar de forma inteiramente emotiva. Mas vamos contentar-nos com as premissas prosaicas, para darmos continuidade à programação da *Escolinha de Evangelização*, que nos atribuiu a responsabilidade do despertar para as obrigações e deveres, conquanto não tivéssemos exatamente pleiteado tal tarefa. É como fazemos com os alunos que sabemos necessitados de certos conhecimentos mas que desejariam prosseguir realizando o que melhor sabem.

As mensagens mostrarão que temos razão nestas assertivas, completamente vinculadas às necessidades de desenvolvimento das virtudes e demais ganhos espirituais possíveis para esta geração, cujos objetivos parecem distanciar-se muito dos compromissos adquiridos para a encarnação.

Temos a obrigação de realizar algo diferente dos trabalhos anteriores, pois meras transcrições de textos dos irmãos que nos precederam não devem estimular nem o escrevente, nem os editores, nem os leitores, nem até mesmo os mensageiros e seus orientadores.

Esta primeira manifestação do *Grupo do Livro II* não deverá integrar o conjunto das mensagens, mas poderá servir de roteiro para o texto que se põe ao início da obra, como *Nota explicativa*.

Aprendizes somos das normas da imantação e da confecção das composições de sentido moral, com fortes tendências para a fantasia das situações e circunstâncias, revelando como os espíritos reagem, conforme o nível de adiantamento evangélico que possuam.

É nosso orientador o Professor Álvaro, de volta para o labutar junto aos encarnados, sempre demonstrando boa vontade e respeito pelas dificuldades de entendimento dos discípulos, mais ainda no que concerne aos mortais.

Sabemos que estas linhas não são suficientemente esclarecedoras, pois só durante o transcurso dos trabalhos é que se poderão definir todas as diretrizes metodológicas, mas vamos levando a bom termo as apreciações, elevando os pensamentos a Deus para que nos ilumine e nos oriente, por meio da insuflação no ânimo dos mentores das melhores intuições, para irmos resolvendo os problemas à medida que forem surgindo.

Quer o irmão médium que elaboremos longo texto, conforme o romance que tomou há tempos atrás. Manifestou-se nesse sentido várias vezes, sempre colocando que não desejaria nada que fosse melífluo, que fosse água-com-açúcar, que fosse impróprio para a cultura dos encarnados mais sabidos dos conhecimentos mundanos. Algo que não ferisse a história nem os usos e costumes dos povos desaparecidos, cujos pensamentos se sepultaram no tempo e que não deveriam, por força do próprio desenvolvimento, estar

muito próximos dos das pessoas vivas. Em suma, que fizéssemos obra de fôlego, mas cientificamente correta, para não darmos sinais de fraqueza, como se o transpor dos portais da morte soesse dar aos seres inúmeras impropriedades intelectuais e sentimentais, transformando-os em fantoches dos desejos e aspirações dos encarnados com funções mediúnicas.

Reconhecemos que tal vontade se fundamenta na necessidade de se darem textos bastante fortes do ponto de vista da verdade histórica, mas tememos que iremos bordejar áreas para as quais não nos preparamos convenientemente. Sendo assim, sempre que possível, faça-nos a gentileza o irmãozinho de ir apontando as falhas, propondo modificações nas bases dos trabalhos, caso estejamos verdadeiramente necessitados de apoio logístico para deflagrarmos as notícias evangélicas, que são, em última análise, aquelas que mais de perto falam aos corações dos socorristas.

A partir de amanhã, iniciaremos os ditados para valer, prevenindo-o de que o modelo de hoje está perfeito, pois estamos até surpresos com que os pensamentos vão escorrendo com tanta harmonia vocabular e frásica, muito embora não tenhamos muitos dos recursos linguísticos de que a literatura moderna se utiliza. Nossos modismos são antiquados, do tempo em que perambulávamos pela crosta, sem, contudo, estimularmos muito aos estudos das modalidades dialetais correntes na voz do povo.

Se tais inferências forem logradas a partir das demonstrações que demos, estaremos mais harmonizados com o mediador, para levarmos adiante o projeto, que, esperamos, venha a contentar toda a turma.

Não havemos de esconder o fato de que estamos muito mais interessados em não prejudicar os andamentos das aulas e lições do que em oferecer ao público encarnado algo que lhe possa dar prazer ou comoção emotiva. Se, de início, desejávamos escrever em verso, parece-nos agora ter ficado absolutamente claro que não conseguiríamos, dado a natureza de nossas correntes intelectuais facultarem prestígio aos desenvolvimentos decalcados nas construções lógicas.

Estamos tentando demonstrar ao irmão que os dizeres poderão incluir terminologia rebuscada, inclusive no campo das precisões técnicas, podendo ainda atribuir-se a nós o poderio imagético convencional, como no caso das figurações mais comuns, deduzidas das comparações com as atividades do dia a dia. Nada que seja extraído do campo das puras imagens poéticas dos que se descabelam para o efeito narcótico das múltiplas inferências conotativas das leituras mais atuais, segundo os princípios da obra aberta ou do prazer embutido nos vocábulos, conforme a valorização teórica usufruída das artes que não a Literatura.

Vamos abrir a imaginação para as zonas do perispírito e fazer que as vibrações adejem por sobre a materialidade corporificada nas visões e demais sensações provenientes dos recursos colocados à disposição dos humanos no contatar com a realidade tangencial.

Se estivermos sugerindo muito, sem definir os termos, basta que haja maior liberdade de construção do mundo imagético, desviando-se o amigo encarnado das convenções linguísticas que tem seguido até aqui rigorosamente. É preciso que haja maior liberdade para o apanhado das enunciações que pretendemos, porque nem tudo estará sob perfeito domínio de sua consciência, necessitando fazer que os desejos de

mecanização dos ditados não se deem com muita intensidade, uma vez que não estamos pretendendo escrever totalmente conforme as iniciativas do plano espiritual, para o que o amigo não tem o necessário desenvolvimento. Aliás, bem pensando, até que, no nosso caso, talvez estivéssemos prejudicando o trabalho, pois iríamos perder a ajuda de quem entende de muitos temas, pelo menos segundo os aspectos de composição textual.

Aproveitarmo-nos, portanto, das leituras e dos conhecimentos do encarnado mediunizado não significará, necessariamente, que teremos de ir ao encontro de suas aspirações, valores e demais prerrogativas, conforme seu nível de adiantamento.

Este mesmo texto está caminhando celeremente para pontos de discutível apologia da presciência dos quesitos respondíveis pelo irmão humano, quando nós mesmos não estamos inteiramente certos do que nos poderá oferecer, a não ser pelas vibrações íntimas da boa vontade em querer que o trabalho tenha significado real perante os parceiros encarnados com disposição, conhecimento e sabedoria para a leitura das obras mais conceituadas da literatura espírita, caso em que poderão acompanhar estes desenvolvimentos com facilidade e agrado.

Fiquem com Deus!

1

A HORA DA DESPEDIDA

Lourival estava nas últimas. Em coma durante quinze meses, não recuperara a consciência. Mas, nestes instantes finais, tudo parecia revoltear-lhe no cérebro, como nos preparativos para o desfile das lembranças da vida.

Que fizera o espírito durante tão prolongada estadia no hospital? Nada realmente importante. Fora convidado a participar de reuniões mediúnicas, como assistente, para aprendizagens várias, mas recusou-se peremptório, no velho temor de não se saber seguro quanto às represálias que estimava fossem fazer-lhe.

Não deu ouvidos aos preceptores espirituais e manteve-se incrustado no corpo, na vigilância inconcebível de cada pequenino estágio das deteriorações mentais, vendo o cérebro ir destruindo-se irremediavelmente para a recomposição da vida.

Certa feita, ouviu os médicos diagnosticarem morte cerebral, embora não tivesse entendido nada das leituras que se fizeram nos aparelhos que lhe mediam as reações, segundo os estímulos elétricos ou químicos dos medicamentos.

Sabia que não voltaria, mas rejeitava a ideia de afastar-se, temeroso de ser enterrado vivo.

Certo dia, adentrou no quarto, irrompendo em pranto, a esposa querida, jogando-se sobre o corpo inerte, que jazia cadavérico sobre o leito.

Lourival aspirou fortes haustos de oxigênio, na esperança de arfar e gemer, para demonstrar estar absolutamente cômico da situação.

Ali perto, alguns seres apontavam risotas para o seu lado, mas não lhes deu maior atenção, julgando-se mais esperto.

Quando lhe vieram dar o banho mortuário, não acreditava ainda que houvesse morrido e que os estímulos vitais tivessem passado completamente. Achava que havia a possibilidade de ressuscitamento, contrariando todos os pareceres médicos.

Diante das flores, amorteceu o entusiasmo pela vida, mas se deixou embalsamar, conformado. Sabia que nada mais poderia fazer.

Acendeu-lhe, então, a curiosidade pelos eventos seguintes.

O choro dos familiares ressoava distante. As risotas dos circunstantes magoavam-no, mas sem considerar direito por quê. A frieza dos que manipularam a carcaça para depositarem no ataúde fez-lhe ver que poderia não ter tido qualquer importância para uma porção de gente. Intentou ler o pensamento dos presentes, mas o máximo que

conseguiu foi o repúdio de todos, por razões desconhecidas. Até a esposa e os filhos não aceitavam que estivesse ali, tentando comunicação.

Mais tarde, acompanhou o féretro para o campo santo, presenciou as manifestações místico-religiosas dos paramentados, ouviu preces sem vontade e nenhuma palavra que dissesse, verdadeiramente, quem era aquele que ia ser entregue aos vermes.

Não se comoveu diante da retirada de todos, sentando-se em túmulo próximo para as primeiras considerações a respeito dos últimos tempos. Começava a surtir efeito no imo a lembrança de todos os atos da vida, que se impregnaram em seu cérebro espiritual.

Se fora mau ou bom, não era o caso meditar sobre isso. Estimulava-o bem mais a curiosidade por que lhe estava sendo dada a oportunidade da reflexão.

Católico, protestante, espiritista da umbanda e kardecista ferrenho, tinha leituras variadas e pensamentos perversos a respeito dos espíritos sofredores, que doutrinara mal, distanciando-se das leis de Jesus.

Repetiu, *sotto voce*, o pai-nosso dito mecanicamente pelo padre e ressoado no ambiente pelos companheiros do apostolado espírita, mas não conseguiu despertar-se para o ambiente de luz dos protetores.

Que mais poderia fazer, em tais circunstâncias?

PRIMEIRAS REVELAÇÕES

Lourival não tinha grandes esperanças de receber a companhia de espíritos de luz de grande benignidade, pois conhecia as leis evangélicas e os dispositivos do carma, para entender que não merecera o apanágio dos grandes momentos de bem-aventurança.

— *Afinal de contas, concluía insatisfeito consigo mesmo, de algo devem valer as horas que despendi na leitura dos livros de Kardec!...*

Mas havia de algo fazer naquele desconsolo, já que não poderia passar a eternidade entregue aos devaneios. E se espíritos rudes cismassem de vir acusá-lo?

Recordou-se das entidades das risotas e desejou mesmo revê-las. Pelo menos, estaria acompanhado, talvez até com recursos para entrar em bom contacto com aqueles seres que lhe pareceram tão despudorados.

Lembrou-se de todas as leituras básicas da doutrina espírita mas não logrou reanimar-se para a evocação dos protetores. Permanecia o medo das recriminações...

Nesta altura, incomodou-se deveras.

Quis esquecer os estremecimentos e afugentar algumas imagens que começavam a delinear-se sombrias e desagradáveis.

Pensou na esposa e nos enteveros que tiveram durante a vida toda. Assustou-se com vê-la arremessada sobre o cadáver, no leito hospitalar. Intentou desfazer as más impressões, mas dúvidas a respeito das verdadeiras intenções começaram a desfilar pela inteligência.

— *Que sentimento de tanta dor era aquele? Será que algo fizera e que escondera e agora a apavorava, ao pensar na possibilidade das perseguições do fantasma do marido?...*

Lembrou-se dos tempos de catolicismo, quando os padres os puseram um contra o outro, já que não admitia que os maus-tratos do relacionamento ficassem à mostra da curiosidade do sacerdócio voraz pelas novidades conscienciais.

Aquele dia em que resolveu esconder do padre as desavenças conjugais voltou-lhe inteiro à memória.

— *Que tinha o infeliz de interrogá-lo a respeito? Também, pudera, Margarida havia relatado tudo ao coitado para insuflar-lhe piedade! Queria o perdão de Deus e jogava as culpas e responsabilidades no companheiro de toda a vida...*

Recordou-se da decisão de buscar o patrocínio espiritual dos pastores protestantes e do abandono da mulher nos braços acolhedores da Madre Igreja, como ironicamente passou a tratar a doce religião em que fora agasalhado desde o nascimento.

— *Que culpas estaria Margarida desejando esconder?...*

VISÃO DA REALIDADE

Nem interrogou o vácuo e a resposta se deu imediata. À sua frente, Margarida passeava em companhia de jovem senhor desconhecido.

Quis ver no elemento masculino alguém da família, mas os carinhos não deixavam margem à dúvida: eram amantes!

Lourival descambava perigosamente para o furor mais desbragado. Mas limitou-se a perguntar à consciência se poderia fustigar o casal, acoimando-o de traição. Não estava morto? Pois, então, justo seria que os seres prosseguissem vivendo, que a felicidade deve encontrar-se onde possível.

Ali ficava ele, contornando o tema do amor da esposa por outro homem, no temor de ver descoberto o seu caso (os seus casos).

Volveu o pensamento à época dos padres e das confissões. Lembrava-se bem do medo da revelação da *outra*, pois sabia que o sacerdote iria bater com a língua nos dentes.

Buscara os pastores protestantes como forma de fugir das acusações da esposa ou não queria demonstrar fragilidade moral perante a consciência?

Ternamente, começou a vasculhar a memória, imaginando como estariam as criaturas com quem convivera tão poucos momentos, em meio a prazeres carnis e temores de envolvimento destrutivos do *conjugo vobis*, no desequilíbrio familiar inconveniente para os negócios.

Belos momentos, na realidade, quando se sentia perfeitamente feliz, longe do bulício das ruas e das recriminações domésticas. Só havia sorrisos e flores, pois jamais deixara de enviá-las, precedendo as visitas. Era gentil com todas e, em casa, enfeitava o altar doméstico com enormes ramalhetes de margaridas, homenagem imprescindível à mãe de seus filhos...

Derivou o pensamento para a mulher. Reviu o casal passeando. Começou a caracterizar o tipo de afeição que nutriam um pelo outro. Haveria aquele mesmo desejo carnal, aquelas mesmas melifluidades de quem presta apenas serviço ou lhe estaria parecendo que o amor sedimentava o relacionamento?

À medida que ia meditando a respeito de cada possibilidade, o casal tomava exatamente aquela feição, de modo que a maior suspeita acabava por fixar as características mais afetuosas.

Não queria pensar no fato, mas como deixar de suspeitar de que tais manifestações de carinho não datassem de antes do óbito? Afinal, ficara tantos meses internado... E se viessem de antes?

Arrancou algumas gramas que cresciam a seus pés e passou a examinar atento as nervuras das minúsculas folhas. Os pequeníssimos veios se entrelaçavam formando harmonioso conjunto, como se tudo tendesse para a manutenção da vida. E ele havia arrancado as folhinhas...

Irresistivelmente, foi conduzindo os pensamentos para outras áreas de preocupação. Precisava meditar a respeito do futuro. O passado é que o determinaria? Certamente, mas não daria azo a que as más tendências da personalidade o dominassem. Era ou não era letrado das letras do espiritismo?

Observou que havia ali no chão um cordão luminoso que adentrava o túmulo.

— *Eis a ligação, pensou, entre o perispírito e o corpo carnal. Será que não estou de todo separado da carcaça? Teria sido enterrado vivo?*

Tremores frios começavam a agitá-lo.

Pegou o cordão e se pôs a puxá-lo para si. Estranho fenômeno! Quanto mais força fazia, mais adentrava a sepultura, terminando por deparar-se com o cadáver em adiantado estado de putrefação. O cordão se enrolava várias vezes e não dava mostras de ceder. O mau cheiro atordoava-o. Desejou voltar ao exterior e, de súbito, viu-se de novo sentado no mesmo lugar de antes.

Teria passado por alguma alucinação?

Se bem se lembrava, estivera ali meditando não por mais de vinte e quatro horas e, no entanto, o cadáver demonstrava pelo menos um mês de deterioração.

Agradeceu ao Senhor o fato de ter lido as obras kardequianas, pois foi bem capaz de perceber que o tempo ali transcorria de forma insuspeita. Mas será que sua mente era tão atrasada que não conseguia pensar velozmente? Pelo que supunha, as lembranças vinham muito depressa e depressa desapareciam. Será que as impressões eram tão enganadoras?

Aos poucos, foi recompondo as batidas cardíacas e se lembrou de novo da esposa.

— *Margarida!, Margarida!* — chamou quase inconsciente — *Quanto mal você me fez!*

NOSSO HERÓI CHORA

Aos poucos, Lourival foi compreendendo que não lhe fora de muita vantagem, como havia pressuposto precipitadamente, o fato de ter lido tantas obras espíritas. Julgava que o simples conhecimento lhe daria condições para vencer os problemas imediatos de ajustamento perispirítico, mas não percebeu que tais ensinamentos são secundários, precisando, antes e acima de tudo, amar ao Pai e, por via de consequência, a todas as criaturas.

A raiva contida pela esposa estava a demonstrar-lhe que, exatamente, a pessoa mais chegada durante os últimos trinta anos, havia ficado de lado nos ideais da benquerença. Do jeito que as coisas andavam, até a afeição dos primeiros tempos se transformaria em ódio, em desprezo, na negligência dos carinhos mútuos do fim.

Lembrou-se da lição do Espírito de Verdade e chorou.

Foi pranto sentido, lavado, íntegro. De puro arrependimento. De reveladora condição maliciosa dos dispositivos doutrinários, perfeitamente arranjados na mente para os efeitos dos lucros espirituais.

Pensou no farisaísmo hipócrita que o Cristo condenara e vestiu a carapuça, sem justificar-se perante a consciência.

Queria ver os protetores espirituais, que lhe foram muito bons durante todo o trajeto da mediunidade, mas se segurava no temor de ser recriminado.

Não compreendia que as obras meritórias que executara junto às mesas evangélicas estivessem sendo avaliadas na justa medida do desprendimento necessário para que as tarefas se revelassem conciliadoras com os desejos de crescimento espiritual.

— *Que fiz eu de bom, afinal? Dediquei algumas horas da vida à assistência dos sofredores, sempre temeroso de estar enviando informações criadas pela minha rica imaginação. Eu mesmo não acreditava que pudesse estar servindo de instrumento para as transmissões. Quantas vezes não me surpreendi inventando situações que, depois, deixava transparecer nas palavras que dava por ditas pelos espíritos incorporados!...*

Haveria de fato riqueza de imaginação?

Nesse ponto, foi cessando o choro e o pensamento começou a divagar em busca das razões que o haviam feito procurar o espiritismo. Relembrou os tempos junto aos pastores evangélicos e as longas querelas íntimas a respeito do dízimo e da destinação que lhe era dada.

Suspeitava de que a fé dos novos amigos de religião se satisfazia com as pregações e com as dádivas generosas. Chegou a desconfiar de que havia muita gente rica, cujo único propósito em se aproximar dessa forma cristã de reverenciar o Pai era o de amainar o medo de tudo perder. Em bom português, como costumava dizer, faziam verdadeiro seguro contra as labaredas infernais, mantendo o equilíbrio na terra por força de possuírem ganhos de capital e rendas. Era eficaz o discurso do sacerdócio interesseiro, segundo o qual, se não dessem, como iriam querer que o Pai retribuísse...

À época, sofreu diversas quedas financeiras e não pôde sustentar as doações no mesmo nível inicial. Sofria a pressão de Margarida, enciumada e caprichosa, temerosa de que o pouco que recebiam iria ser aplicado na benemerência a quem de nada necessitava.

— *Afinal de contas, concluía, triunfante, quem era mais rico: ele ou Deus?*

Diante de tantas vicissitudes, percebendo que o medo maior da esposa era que gastasse as ligeiras economias do casal com flores, receoso de que a onda de má sorte persistisse indefinidamente, buscou o auxílio da espiritualidade, crendo que as deidades do candomblé poderiam restituir-lhe a segurança material abalada.

Levou-o a tal crença a ameaça contínua dos sacerdotes das duas orientações religiosas anteriores, fazendo que não julgasse tão feio o diabo quanto pintavam.

Se tantos irmãos estavam envolvidos com os mistérios dos *despachos* e *trabalhos*, por que iria ficar de fora?

Lembrou-se Lourival dos primeiros tempos, quando se aproximou dos orixás e pais-de-santo com o coração na garganta, sufocado pelo temor de que iria ser despertado para o ludíbrio de quem não tem considerações ou respeitos.

Não queria reconhecer, mas as lembranças femininas do protestantismo estavam por trás de sua decisão de abandonar a seita. Intentara contra a honra de certa jovem senhora e fora repudiado. Tinha certeza de que o marido estava a par de tudo e só não tomara providências porque deixara a responsabilidade nas mãos da esposa. Desconfiava dos olhares dos pastores, como se estivesse debaixo de forte investigação. Temeu que o passado fosse revelado e juntou as revistas da fé com a Bíblia, transferindo-se de mala e cuia para o terreiro do sonoro batuque.

Havia ali uma médium...

MUDANDO DE COR

Lourival lembrava-se das alterações que se procederam em sua convivência social. Não se recordava, ao tempo em que ingressara no candomblé, de jamais ter tido contacto com pessoas que não fossem brancas. Quando muito, no comércio de peles, às vezes, vendia algum produto para pessoas de cor afortunadas. Mas era raríssimo.

Ao adentrar o sagrado ambiente do terreiro da umbanda (nunca soube distinguir com exatidão as diferenças entre os cultos), avaliou logo que precisaria mudar os conceitos a respeito das raças, se quisesse aceitar tais pessoas como irmãos.

No catolicismo e no protestantismo, isolava-se, aninhando-se em canto absolutamente discreto. Só desejava mesmo aparecer para as pessoas mais íntimas e que lhe interessassem do ponto de vista comercial. O mais eram flertes ou namoricos camuflados, pois não gostava de correr riscos inúteis nem de fazer perigar a boa conceituação que as mulheres conseguiam naqueles ambientes religiosos.

No candomblé, desde logo, sorriu-lhe a possibilidade de maior liberdade no campo sexual, conforme ia percebendo que as pessoas não tinham história conhecida, ficando muitas delas completamente afastadas das demais, assim que saíam no recinto das orações e demais trabalhos.

Muita gente, inclusive, tal como ele no início, assistia do lado de fora às cerimônias públicas, ficando-lhes vedadas as relativas aos iniciados.

Mas havia uma médium...

Engraçou-se por jovem quinze anos mais nova que sua Margarida e passou a cortejá-la, nos limites dos temores da estranheza dos cultos.

Queria e não queria atrever-se, mas eram tantas as solicitações dos olhares e tantas as malícias dos requebros que juntou forças para pedir as orientações, para adentrar no campo das manifestações das entidades protetoras do centro espiritual.

Foi informado de que precisaria passar por inúmeros preparativos, o que não suspeitava, pois tudo lhe parecia totalmente falso. A ingerência das bebidas alcoólicas e as inebriantes queimas de incensos e dos charutos, associadas à alucinação dos tambores, era-lhe a evidência de que ninguém poderia refletir sobre que fazia naquela barafunda.

Mas submeteu-se, mesmo porque estava, havia bastante tempo, afastado da esposa, encontrando-a de quando em vez nas dependências da casa para arrufos e querelas. Por essa época, até para as brigas não tinham ânimo.

Assim, pôde desenvolver-se em área insuspeita, sob os conselhos diretos do orixá responsável pelo desenvolvimento dos trabalhos.

Junto ao coração da irmãzinha pôde infiltrar-se, prometendo-lhe instalá-la e à família em casa de alvenaria, em bairro pobre mas muito mais digno do que a favela em que residiam.

De fato, naquela época, os negócios, por incrível coincidência, melhoraram muito, pois era o que pedia com mais insistência junto aos benfeitores do terreiro. Toda recompensa e demais sacrifícios que lhe eram pedidos, fazia questão de pagar sem titubeios e sem desafios, pois evidenciava-se-lhe que havia forças superiores, transcendentais, a comandar os atos humanos, ajeitando para que os desígnios dos protegidos dessem certo.

Só não foi morar com a amante porque, desde cedo, se patenteou que as diferenças culturais seriam obstáculos intransponíveis. De resto, as exigências iam crescer, inevitavelmente, e ele queria ficar a coberto de possíveis represálias no campo social em que vicejava.

Não lhe parecia que nada daquilo fosse sério. Em pouco tempo iriam cansar-se um do outro. Era o que lhe apontava a experiência.

Mas Felícia não dava mostras de saciar-se das carícias e jamais lhe solicitou nada. Os familiares repreenderam a moça, mas aceitaram as ofertas com boa vontade, não levando a Lourival qualquer manifestação de desagrado. Todos frequentavam o mesmo culto espiritual e não haviam recebido aviso para que procedessem em desacordo com o arranjo proposto.

Nem por isso deixaram de investigar a vida pregressa do herói, para concluírem que seria uma rocha no que se referisse a desfazer legalmente o matrimônio, fundamentado, aliás, em legítimo conagração de bens.

Este teria sido período de muita felicidade, não fossem os parentes da esposa. Se houve investigação de um lado, do outro houve plena devassa das atividades do coitado, que, inesperadamente, se viu nas mãos de uns pilantras que desejavam amealhar sem trabalhar.

Lourival, porém, sabia com quem lidava e não opôs muitas resistências às pretensões, armando-lhes, contudo, feliz ardil, para o desvelamento das indecorosas propostas. Não deixaria a pele na mão dos assaltantes. Iria apontá-los à execração familiar, no íntimo desejo de vingar-se da consorte, que o atenazava com doentios ciúmes.

Parou para refletir a respeito dos conceitos sobre a esposa. Chamara de *doentios ciúmes* àquelas cenas de vulgar dramatização de acusações? Estava sendo condescendente com as más intenções. Margarida o que desejava mesmo era forçar que pedisse separação, para poder ficar com quinhão maior das propriedades...

Começou a desfilar o que possuía à época. Não era tanto que configurasse grande fortuna. Propriedades sem muito valor e a loja, onde trabalhavam mais de vinte empregados. A conta bancária não era tão recheada e o mais estava em sociedade com os

irmãos. Margarida nada acrescentara de seu e era isso, com certeza, que a fazia prender-se a ele tão arraigadamente.

Começou a se lembrar das reconciliações e dos transbordamentos de paixão sexual. Era quando se esquecia dos desvios e dos insucessos das afeições passageiras.

Eram de puro amor os seus transportes de felicidade e de luxúria...

Começava a estranhar os empuxos sensuais que estava sentindo. Parecia-lhe crescer o entusiasmo amoroso, como se, naquele ermo, junto às tumbas, às cruzes, aos salgueiros e ciprestes, defunto já, pudesse sentir o fogo juvenil das carícias.

Quis apalpar-se mas não sentiu o corpo. Olhou para as mãos. Não havia mãos. Não era possível! Lembrava-se de ter bebido daquela asquerosa água do vaso, tendo feito concha com as mãos. Quis arregaçar as calças, para enxergar os pés. Não havia calças, não havia pés. E quando puxou o cordão luminoso que o transportou para junto do cadáver? Não fora com as mãos?

Impacientava-se. Será que a materialização das lembranças eróticas se dava apenas no íntimo do ser? Onde estava o perispírito, que não conseguia localizar? Sem dúvida, ele (Lourival) bem que estava ali. Pensava e, portanto, existia. Mas não se concretizava...

Achou que desesperar-se seria dar aos seres em piores condições oportunidade para se aproximarem. Imaginou que os pensamentos não eram os mais puros e, por isso, poderia estar sofrendo de alucinação, como quando sonhava pesadelos horríveis.

Lembrou-se das leituras espíritas, das lições dos instrutores do centro. Lera André Luís. Tentou avaliar as personagens para ver se alguma sofrera a mesma desdita. Nada.

Deflagrou, então, sentido pranto, chamando Felícia em altas vozes, elaborando perfeitos sistemas fônico e auditivo para o efeito. Mas não atinou com a incongruência. Tampou a vista com ambas as mãos e não percebeu que o fizera.

Bateram-lhe no ombro e ele despertou para a realidade.

— *Chamou, querido amigo?...*

6

FELÍCIA

Ignorava Lourival que Felícia tivesse morrido. Na verdade, deixara-a muitíssimo mal, em trabalho de parto, e jamais voltara para obter notícias. Fora assim que se transferira para o kardecismo, levado pelos negros temores de que os guias da umbanda iriam persegui-lo.

Ouvira dizer que as mesas brancas protegiam os mais fiéis e estudiosos, o que não era fácil de encontrar na macumba.

Degenerara o relacionamento com a família de Felícia, à vista das pressões dos cunhados, mas não se desapegara emocionalmente da criaturinha que o amava com muita força.

A gravidez não fora programada, é claro, mas o nascituro seria muitíssimo bem-vindo, conforme os prognósticos dos guias, em alegre manifestação na data comemorativa de Cosme e Damião.

— *Se meu querido amigo quiser falar comigo, repetiu Felícia com a costumeira e meiga entonação, saiba que preciso retirar-me logo...*

Lourival estava extasiado com a presença da queridíssima criatura. Era ela mesma, com todos os traços bem demarcados, mais velha um pouco, mas com o trigueiro da pele ainda mais atraente.

Tentou aconchegá-la a si, mas não foi possível tocá-la. Tinha o sentido da visão, mas o do tato estava bloqueado.

Lágrimas começaram a rolar pela face, perceptíveis e quentes. Não se lembrava da última vez que o fizera por amor, pois as emoções não o conduziam pelas vibrações sentimentais. Amava ou amou muito, todavia, as sensações morais pareciam embrutecidas.

Não disse nada, acreditando que o chamado fora suficientemente claro como solicitação de ajuda. Olhou com olhos embaciados para o sorriso gentilíssimo e estendeu as mãos, juntando-as como em prece. Rezaria para a pequena como o faria para a Virgem.

Essa visão foi duradoura e demorou para desfazer-se.

Durante esse tempo, parecia-lhe que informações lhe adentravam a mente, como por influência telepática. Seria a linguagem universal do etéreo? A verdade é que ficou sabendo que Felícia vivia em colônia do tipo de *Nosso Lar*, descrita por André Luís. Estava em viagem socorrista e lhe fora dado atender ao chamado do amigo. Confortava-o a lembrança da atenção? Pois mantivesse a atitude confiante nas forças da espiritualidade, que iria ser resgatado quando merecesse...

Quis saber da criança. Sem resultado. Quis saber da família. Também. E os pais dela? Nenhum informe. Será que não percebia a falsidade dos interesses? Será que não adivinhava que desejava conhecer as acusações dos outros seres para responder exatamente às questões, evitando toda a extensão dos malefícios praticados? Será que o querido irmão iria permanecer em estágio de sofrimento, por não ser capaz de enfrentar a realidade apontada pela consciência?

Não esperasse muitas respostas, pois a irmãzinha não obtivera autorização para falar francamente, o que lhe iria fazer refletir, talvez, as imperfeições, pois não adquirira total desprendimento em relação às antigas ideias de domínio através do amor...

Pensou que as informações de há muito haviam cessado. O resto era produto da imaginação, com certeza. Afinal de contas, Felícia não era espiritualmente tão evoluída, não conhecendo sequer os livros de Allan Kardec...

Chegou-lhe à mente a ideia de que ninguém antes do Codificador o conhecera e nem por isso deveriam ser jogados na penumbra do Limbo ou nas chamas do Inferno. Recordou-se dos tempos em que os padres falavam que todos os pagãos, antes de Jesus, estavam reunidos em local sem dor e sem felicidade. Achava estúpido, mas, no espiritismo, havia encontrado muitos que pensavam exatamente assim relativamente a Kardec.

Analisou os pensamentos, estabeleceu o nível de friquidez em contraste com as emoções de pouco antes e desejou ver em que condições estava o cadáver. Abaixou-se, apanhou o cordão, sentiu resistência, e se pôs de volta para o mau cheiro da podridão. O féretro estava intocado e as condições do terreno como se não houvesse passado o tempo. Adentrou o caixão e teve longo estremecimento perante a visão do corpo, do *seu* corpo...

— *Santo Deus! O tempo refluiu! Não é possível que não haja qualquer indício de deterioração!*

Realmente, diante de seus olhos admiradíssimos, o defunto parecia tão somente um pouco lívido, como se a morte mal e mal o houvesse visitado. Apalpou a pele para sentir a temperatura. Estava suavemente tépida. Impossível! Quando foi enterrado, fez o teste e havia absoluta rigidez cadavérica...

Começou a desfalecer, porém, com medo de adentrar o corpo, desejou sair imediatamente dali.

Acordou estirado sobre a tumba. À sua volta, alguns seres misteriosos sorriam para ele. Quem seriam? Ameaçou falar alguma coisa, mas percebeu que voltara a estar sozinho. Chamou aflitivamente por Felícia, mas, desta vez, não obteve resposta.

O NARRADOR INTERROMPE

Para que se evitem suspeições de interferências na narrativa, venho para caracterizar quem é este narrador onisciente.

Não sou o Lourival depois de ter passado pelas agruras. Sou simplesmente um dos preceptores, a ele ligado por laços de amizade e fraternidade, por mais de dez encarnações, e que lhe está dando assistência nestes graves momentos por que passa.

O amigo leitor está diante de obra acabada, onde poderá saltar à vontade, para ir ao fim, na curiosidade de lhe saber o desfecho. Eu cá estou, no justo momento em que ocorrem os fatos, havendo interrompido os momentos de transmissão do que se passa com o herói, para apresentar-me.

Neste preciso instante, tenho bom companheiro de atividades socorristas atento para as peripécias mentais do pupilo, caso contrário nem poderia ter vindo iniciar-lhe a descrição psicológica nas venturas e desventuras.

Acontece que há informes necessários para que o encaminhar da ação se dê de forma absolutamente lógica, para o entendimento do que se irá ler.

Alguns fatos estão a merecer a atenção do leitor, pois deve ter ficado claro que interferimos na apresentação das circunstâncias que envolvem o amigo estagnado nos revoluteios da consciência, que não se conforma, na verdade, em tê-la imersa em torpores de raciocínio, pois o pobre se vê às voltas com sérios problemas oriundos das falsas interpretações dos valores evangélicos durante toda a vida, o que vinha acontecendo já nas precedentes encarnações.

O fato mais flagrante do pensamento atual da personagem está em que não irá entender a razão de o corpo estar mostrando-se intocado pela decomposição natural. Irá concluir, como pretendemos, que o tempo não se mede no etéreo pelos padrões cronológicos dos eventos, mas que pode fluir e refluir pela vontade da pessoa. De resto, tal pressuposto está na mente de muitos encarnados, vicejando a tese, inclusive nos meios científicos, por força da teoria da relatividade criada por Einstein, para as explicações do que julgava insatisfatório nas ideias de Isaac Newton.

Não temos a pretensão nem poderíamos avançar nessa teoria, mas, para efeito da compreensão do que se passa no campo-santo em que está preso Lourival, devemos dizer que o efeito das condições do cadáver é mera sugestão hipnótica que praticamos, a partir da necessidade que temos de levá-lo a certas reflexões de caráter evangélico, muito mais

importantes que quaisquer conclusões no campo do material e, portanto, do ilusório, do ponto de vista espiritual.

Outro esclarecimento oportuno é quanto à mescla dos fatos que se está dando na consciência do irmãozinho, fundindo vidas pregressas com a que deixou recentemente. De fato, nesta última encarnação, todos os acontecimentos se referem a atividades kardecistas, não se tendo filiado jamais a outro culto ou religião.

Filho de pais católicos, viu-se órfão muito cedo, ficando ao deus-dará da complacência das instituições públicas, até que foi adotado por família espírita, que lhe negou o conhecimento da adoção.

Eis que as complicações são muito superiores às possibilidades de suspeita dos leitores, para o que julgamos conveniente dar estas explicações, em momento de trégua, já que Lourival, possivelmente, irá ficar por longo tempo imerso em cogitações de caráter íntimo, até decifrar o mistério da fusão Felícia—Margarida, uma mesma e ideal criatura, que se chamou Ernestina, no acompanhamento da derradeira encarnação.

Como conciliar tais fenômenos psíquicos? Por que a mistura de eventos e de pessoas? É que o amigo está tendo a sublime oportunidade de conhecer a causalidade dos fatos, conforme seu crescendo em virtudes.

Se é verdade que se manteve em coma por mais de quinze meses? Claro que é, pois aí se situa a base dos contrassensos, já que deixou de assimilar os conselhos dos protetores, que lhe foram encaminhados durante o tempo todo em que ficou flutuando ao derredor da matéria inerte, naquele trágico leito de dor coletiva.

Ernestina o acompanhou amorosamente durante todo o tempo, mas não foi vista como tal pelo infeliz, que, no etéreo, apesar da contingência do apagamento das sensações físicas, se mantinha ligado ao corpo para as reflexões de que carecia.

Esperamos que todas as respostas venham a ser dadas nos próximos capítulos desta história impossível de compor-se no plano carnal. Caso sirva para o despertar dos leitores, em função de provável desleixo espiritual, ficaremos fartamente recompensados.

Resta-nos pedir perdão pela quebra da linha dramática, fato inusitado, que não voltará a acontecer, segundo o planejamento que estamos elaborando, à medida que a narrativa avança. De qualquer modo, fica-nos a obrigação de solicitar releitura dos capítulos, segundo a presente exposição.

Por questão de coerência, devemos explicar que o orientador e benemérito instrutor do amigo está sendo assessorado pela equipe que se denominou de *Grupo do Livro II*, o que deverá explicar as alterações do singular para o plural, nesta parte da escritura.

Ficaremos muitíssimo agradecidos se continuarem os amigos interessados nestes apontamentos.

DESPERTANDO

Estava Lourival acabrunhado. De que lhe adiantara ter tanto estudado a filosofia espírita, se agora não conseguia decifrar o mistério da evolução temporal?

Fez muita força para recordar-se dos textos de Kardec, para lembrar-se dos conselhos espirituais para situações assim. Nada encontrou que lhe desse a possibilidade de adejar pelas esferas, sem contatar as pessoas. Parecia-lhe existir forte castigo na disposição isolada.

Outras leituras vinham-lhe à mente, informando-o de que poderia estar sendo resguardado dos seres maléficos, que o arrastariam para as profundezas escuras do Umbral. Mas não era aquilo a representação das condições mais amargas?

Fazia perguntas, na provocação de respostas, pois acreditava piamente em que os mentores do centro e os instrutores pessoais estariam por perto. Apenas ele mesmo é que se incapacitara, por razões com que não atinava, a vê-los e ouvi-los. Se até o próprio perispírito não tinha condições de apalpar...

Elevou as mãos e meditou profundamente a respeito das primeiras sensações que o espírito sente no domínio do fluído universal, segundo as explicações extraídas de **O Livro dos Espíritos**. Se estivesse certa a memória que lhe chegava de que o acostumar-se com o corpo etéreo ou astral ou fluídico, conforme as diversas denominações conhecidas, era questão de tempo, talvez estivesse já em condições de tocar-se com êxito.

Antes da tentativa, uma vez que a visão lhe dava a contextura espacial que ocupava, pensou em orar contritamente, solicitando dos amigos da espiritualidade que não o desamparassem.

Surpreendentemente, esquecia-se do objetivo mais imediato, na criação de outro interesse. Queria saber agora qual a prece mais conveniente para a ocasião. Repetiria o pai-nosso, diria uma ave-maria, recordar-se-ia da prece de Cáritas, ou seria preferível recitar a de Francisco de Assis?...

Não sabia outras de cor. Mal e mal lhe vinha à mente a salve-rainha dos tempos do catolicismo. E o ato de contrição, com que encerrava as confissões, estaria na ponta da língua? Pensou no credo e buscou os hinos com que enaltecia o Senhor nos templos do protestantismo.

Estranhamente, volvia o pensamento para áreas mais próximas, ficando tudo o mais muito enevoado.

Não era verdade que sempre dissera as orações com muita convicção de que seria atendido? Mesmo na umbanda, cantava os pontos com reverência. Prostrado perante os orixás, as rezas saíam-lhe diretamente da alma. Jamais titubeara um só instante. Por que, agora, as palavras não lhe vinham com facilidade?

Quis recitar uma a uma, todas as orações. Fê-lo integralmente, sem titubear, mas o sentimento não era o da hora. Parecia regressar aos tempos em que as sabia de cor, na comoção daqueles momentos. Sentia-se menino, rapaz, homem feito, velho e até senil.

Como explicar o fenômeno? Teria capacidade ou conhecimento para averiguar os procedimentos psíquicos correspondentes?

Parou para dizer qualquer prece com emoção, e percebeu que as mãos estavam fortemente presas uma à outra, dedos entrelaçados, em postura de grande fervor religioso. Sentia, finalmente, o corpo analógico!

Passou a examinar cada setor da pele, para caracterizar a idade com que se iria apresentar aos companheiros do etéreo. Correu para a água do vaso, na esperança de ver-se refletido. Queria ter, no máximo, vinte e cinco anos. Estava com as marcas da senilidade. Cabelos brancos. A face enrugada. Os olhos empapuçados. A pele do rosto flácida e descorada, com certeza, pela longa jornada hospitalar.

Sentou-se na sepultura próxima mas sem estremecimentos. Sabia que o corpo astral iria evoluir, conforme fosse apreendendo a própria situação.

Já não mais temia a visão do cadáver. Imaginou-se com a mesma aparência. Desejou rever o estágio atual da putrefação e, sem temor, puxou o cordão perispirítico para a aproximação. Estava solto!

Queria dizer que do cadáver se liberara, desde que retomara o domínio físico sobre si mesmo?

Meditou um pouco e chegou à conclusão de que volveria ao caixão através do pensamento, da mesma forma que de lá saíra por duas vezes. Estava decidido. Firmou a ideia e começou a descida através do solo. Consegiu com extrema facilidade, como se fosse aquele o campo próprio de seu desempenho material. Não havia resistência ou solidez.

Nem precisou esperar ultrapassar a tampa aferroada pelos grossos pregos. Dali mesmo viu que o féretro estava vazio. Não se assustou, contudo. Haveria, certamente, alguma explicação lógica para tudo isso.

Retornou à superfície e principiou a meditar a respeito do tempo. Se não definisse, com razoável propriedade, esse aspecto do etéreo, iria resvalar...

LOURIVAL REGRIDE NO TEMPO

Começou o irmãozinho a pensar seriamente nos sucessos da vida. Julgava que, se fosse lembrando-se dos acontecimentos, passo a passo, iria chegar a conceber os fatos como de arquitetura causativa, fundamentada na conhecida lei das consequências.

Por que ficara tanto tempo no hospital? Haveria explicação através das atitudes? Por que Ernestina se debruçara tão triste por ocasião do passamento, quando lhe deveria parecer certo que não seria restituído à vida?

A boa companheira dos últimos quarenta anos não deveria sofrer tanto, afinal de contas a perda dos filhos lhe dera condições de suspeitar de que não há mal em devolver a alma a Deus, obrigação de todas as criaturas.

Rememorou as circunstâncias das mortes das duas queridas *pessoinhas*, tragadas pelas águas barrentas da lagoa. Mas não se condoía. Houvera inúmeras comunicações recebidas pelos amigos no centro, em que os protetores e as crianças diziam estarem bem, confortavelmente instaladas em hospitais e escolas...

Quis afastar-se das tristezas. Reviu as primeiras épocas do matrimônio, mas as lembranças começaram a ganhar outro sentido, nas sensações dos descerramentos. Mais e mais os eventos foram corporificando-se, como se acontecessem naquele justo instante. Ia perdendo a noção de quem era para a recomposição de quem foi. Penetrava fundo na memória e os quadros se clareavam totalmente.

Havia um filete de memória, contudo, que lhe dizia que a hora não era aquela que tinha diante de si. Mentalmente, compunha situação parecida com a dos sonhos, quando o indivíduo sabe que está dormindo e que a realidade atual está na dupla perspectiva do que se passa com a consciência e do que se passa com o corpo entregue aos movimentos automatizados dos instintos.

O estranho é que ia concebendo o aparato dos conhecimentos, na explicação desperta, como se o enevoado da mente se desfizesse a cada rememoração. Mantinha-se consciente e dormindo, a um só tempo, sem angústia e sem felicidade. Parecia extático, como que dominado pelas sensações mais íntimas, juntando memória e capacidade de raciocínio num só bloco.

Desejava que assim fosse e não teve medo de confrontar-se com a verdade. Estava indo muito bem.

Chegou ao momento da partida do pai. Lágrimas de muito amor escorriam-lhe de novo, na recordação do sofrimento antigo. A mãe também partira, algum tempo antes. Não se deu o mesmo efeito do choro convulsivo, mas a tristeza da época se mesclava com sentimentos de ódio e de desprezo. Estremecia e começava a perturbar-se, mas foi forte o suficiente para não despertar. Precisava avançar no tempo, em busca das causas, das causas...

Lembrou-se dos brinquedos. Via-se com dez anos de idade. Começava a escrever. Demorara para ingressar na escola. Nunca se interrogara a respeito. Diziam-lhe que, na fazenda, as professoras eram raras. Não quis estacionar nessa época. Voltava mais atrás, queria a primeira infância. Entusiasmava-se com a nitidez das recordações. Fatos absolutamente apagados, voltavam-lhe com todas as cores.

Imaginou uma fita cinematográfica, mas não pôde fazer corresponder as sensações exatamente da mesma forma. No cinema, a película registra os acontecimentos mecanicamente. A visão humana é seletiva. O que lhe passava aos cantos dos olhos não se registrava. As noções do adulto podiam ser melhor estabelecidas. As infantis iam ficando embaciadas pelos interesses e pela impossibilidade das reflexões. Mas as pessoas e as coisas em que tocava ficavam perfeitamente reconhecíveis.

Inesperadamente, se viu dentro de um quarto com outras inúmeras crianças. Muitas choravam. Sentia medo. Via pessoas diferentes. Interrogava-se a respeito. As causas, as causas...

De repente, sentiu-se arrebatado dos braços dos pais. Quem seriam as pessoas com estranhas atitudes de sofrimento e dor? Quis aprofundar-se ainda mais.

Era um doce quarto. Perfumado. Talco e alfazema. Um homem acariciava-lhe a cabeça. Desconhecido. Diante de si o bico rosado de um seio. Sugava reconfortado. Quem era aquela criatura?

Não aguentou a pressão da curiosidade e despertou para o instante presente. Mas as recordações estavam muito vivas. A cabeça girava-lhe em rodopios de incompreensão. Queria entender. As causas, as causas...

Desmaiou.

O SONHO

Nunca sonho algum lhe fora tão nítido. Acordado já, rememorava as peripécias das viagens empreendidas. Queria deixar tudo gravado na memória, pois lhe pareciam explicações que deveria investigar para a configuração do todo harmonioso de sua história.

Mas não se contentava em quedar friamente admirando as facetas inusitadas das representações de imagens e das ocorrências de inter-relação com os ambientes. Os diálogos eram imensamente mais reveladores das condições psíquicas dos momentos retratados, principalmente as próprias falas, que lhe soavam estranhas, em linguagem difícil, quase ininteligível.

Se adentrara os portais da escola muito tarde, inteligente, vencera as diversas etapas até formar-se em curso superior de administração pública. Mas o currículo não lhe serviria de nada na descoberta das inúmeras possibilidades mentais que descortinara. O que mais estranhava era a necessidade de constante tradução para a atualidade, quedando muitos fatos absolutamente incompreensíveis, pois não conseguia fazer corresponder os dizeres aos objetos. Se tudo lhe era muitíssimo natural na hora em que estava imerso nas realizações quiméricas da mente, agora já não conseguia reaver as sensações integralmente.

De qualquer forma, tudo que lhe viera durante o sono parecia-lhe muitíssimo familiar, como se fosse mero desdobramento da personalidade.

Suspeitar de que fora levado a paragens relativas a outras encarnações era o de menos. O que o intrigava, deveras, eram os longos períodos obscuros, em que apenas se via a si mesmo, como que afastando os fantasmas que o perseguiram por locais estranhos. Sabia que era o Umbral da tradição espírita ou o Inferno mais brando das mitologias conhecidas, como o Purgatório da Igreja Católica, mas não tinha noção exata do que o arremessara tão longe dos locais que ora desfrutava, como regalia de quem, evidentemente, se contivera durante existência carnal longa e plana.

Ficou-lhe bem claro que deveria voltar à *performance* regressiva, pois não descobrira momento algum em que não estivera sob os cuidados da doutrina espírita. Os pais eram espíritas. A família toda, *idem*. Os amigos também. Onde a umbanda, o protestantismo e o catolicismo?

Os pais...

Evidenciava-lhe o fato que aquela sua nutriz era a mãe que perdera. Fora adotado, pois o orfanato também se delineara claramente. Explicavam-se os arrufos com a mãe de empréstimo, que o tratava bem, mas sem transbordamentos de carinhos. Sentia, muitas vezes, leve dor na consciência por odiá-la, mas agora compreendia a razão. Não se atemorizava com as conclusões, julgando-as provisórias, pois a verdade, sabia-o bem, viria a configurar-se de um momento para outro, no contatar das entidades familiares. Era questão de tempo.

Confirmou o desaparecimento do cordão que o ligava ao corpo denso e começou a tomar pulso da situação.

Chamou por Margarida, por Felícia e por Ernestina. Mas congregou-as em uma única personalidade. O que não sabia era quanto tempo transcorrera para ela desde que lhe abandonara a convivência. Teria deixado a carne? Que figura feminina viera substituir a imagem de Felícia, apresentando-se tão nitidamente à sua visão?

Começava a conceber a participação das entidades protetoras.

Se os segredos estavam sendo desvendados com tanta facilidade, por que não se revelavam os espíritos amigos para conversa franca, para sagrada orientação de rumos, na tentativa do encaminhamento aos estudos e demais trabalhos evangelizados das colônias espirituais transitórias?

Pensou nos instantes em que a visão se degradara para a compreensão dos fatos recordados e sorriu, pois parecia que a consciência da última encarnação se restabelecia, para o equilíbrio dos raciocínios e para a perfeição das conclusões. A frieza dos sentimentos era suficiente indício de que aguentaria bem a revelação das falhas que, porventura, estivessem sedimentando-lhe a personalidade.

Quis orar, mas julgou desnecessário.

Refletiu sobre a crítica que fizera a respeito das orações do sacerdote por ocasião da encomendação de sua alma, durante o enterro, e percebeu a falência do julgamento. Se a prece não fora dita com sentimento, com emoção, com verdadeiro espírito místico-religioso, se o padre não pusera fé, esperança ou caridade nas sacratíssimas palavras, ao menos que a repercussão em sua alma fosse a que censurara e não a estúpida reação de quem pensa dominar todas as ideias e sensações.

Doeu-lhe a observação como se dita pelo melhor amigo ou pelo preceptor mais exigente. Que outros deslizes estivera cometendo durante os últimos tempos, ali, ao pé do túmulo?

Olhou ao redor e não encontrou as cruces, as imagens, os ciprestes, os chorões... A paisagem era outra.

Quis caracterizar o local, mas não lhe foi possível. Tudo lhe era muito estranho. Não havia horizonte e, ao mesmo tempo, também não havia paredes, muros, nada que bloqueasse a visão. A claridade era suavíssima, mas cambiante, indo do rosado mais intenso, ao branco leitoso, passando pelo amarelinho claro, pelo verde esmaecido, pelo azul celeste pálido das manhãs ensolaradas, sem nuvens, bem cedo.

Começou a refletir sobre a nova condição espiritual. Nada igual houvera lido nas inúmeras descrições das obras emanadas dos espíritos escritores. A paz e a tranquilidade eram reconfortadoras. Nada de pressões íntimas a sobrecarregar-lhe o cenho com as preocupações das culpas.

Refletiu bastante e agradeceu ao Senhor a benemerência desse total desprendimento dos pesos conscienciais. Era o esquecimento mais completo da personalidade, o que havia, de resto, imaginado que ocorreria aos que se guindassem ao paraíso, para a companhia eterna e absoluta do Criador.

Mas tinha noção do eu, sem temer, contudo, que fosse desfazer-se naquela atmosfera nirvânica e não sensual. Sabia que algo deveria acontecer a qualquer momento, pois o tempo ali não demonstrava fluir, a não ser pela variação esplendorosa das nuances de cores.

Era tanta a paz, tanta a perfeição do sentimento de alheamento de todos os sofrimentos, tanto o prazer de existir, que começou a temer por condenação absurda. Não seria o castigo dos que se julgavam superiores? Não seria a ilusão da perfeição, longe de todos os seres que jamais poderiam equiparar-se à sua grandeza moral, espiritual, intelectual, sentimental?...

Que estranho modo de fazê-lo perceber que todos os seres devem merecer a mesma consideração, como filhos de Deus e como irmãos!...

Naquele ermo luminoso, lágrimas do mais profundo arrependimento brotavam-lhe insopitáveis, em convulsivo pranto.

Analisou os sentimentos e até neles começou a perceber que ninguém jamais, por certo, sofrera tão intensamente. Até mesmo na dor era maior, era mais completo, era mais...

Ajoelhou-se, humilde, e pediu perdão ao Pai, rogando-lhe que o pusesse perante todas as pessoas que ofendera, para a tardia mas nunca inoportuna reconciliação. Se fosse preciso, repetia, lágrimas contidas, ficaria naquele lugar até que...

Não sabia o que acrescentar, na desconfiança de que qualquer condição pudesse revelar que desejava estar senhor de si e da situação, como sempre fizera.

Aos poucos, a consciência foi colocando outras cores no ambiente, deixando-o cada vez mais soturno e amedrontador. Mas agradecia a Deus o poder de perceber-se como era realmente. Muito haveria, com certeza, para aprender, mas dispunha-se ao trabalho, como nunca antes, em qualquer circunstância.

Desejou ver as crianças, essas, sim, no etéreo desde há muito. Os filhos iriam ser os guias de que necessitava para prosseguir existindo em contínua evolução. Bendito Kardec, bendito Jesus e benditos todos aqueles que lhe deram as noções básicas para a compreensão da vida após a vida! Na carne, aprendera pouco, mas o suficiente para saber que tudo por que passava lhe estava sendo proporcionado por acréscimo de misericórdia.

Só não compreendia por que tardavam tanto a atendê-lo. Que mais queriam como testemunho de sua elevação e de seu espírito de sacrifício?...

Nesse momento, a escuridão fez-se total.

A MORTE DOS AMIGOS

Lourival não queria lembrar-se dos eventos sobre que não tivesse absoluto domínio. Passou, então, a refrescar a memória a respeito de todos os amigos, em sua longa jornada terrestre, e da despedida de cada um deles. Era maneira bastante adequada para ocupar a mente sem desagrado. Iria rememorar momentos de enorme felicidade, pois jamais se acusara de ser mau para qualquer deles.

Quis voltar aos primeiros companheiros desaparecidos, aqueles ainda juvenzinhos. Não se recordava de nenhum. O mais que conseguia era fixar-se em rosto muito conhecido, o qual foi dado por desaparecido em incêndio. Aliás, toda a família fora tragada pelo fogo e, naquela ocasião, quando mal entrara na escola, estivera macambúzio durante bastante tempo.

Eram companheiros de brincadeiras, de correrias e também de bancos escolares. Com Roberto, mais novo uns dois anos, jogava bolinhas de gude a ganho. Mas sempre devolvera todas ao amiguinho, que não era muito bom no desempenho dos arremessos. Ele, sim, conseguia arrecadar muitas bolinhas dos demais.

Quis imaginar por que razão ficara tal dado tão nítido e não foi difícil pensar na possibilidade de que Roberto não teria nenhuma queixa dele. Ao contrário, era um amigão para todas as horas, defendendo-o do assédio das outras crianças, que desejavam querer vantagens sexuais...

Lembrou-se das intimidades que manteve com o pequeno e tudo lhe veio com muita clareza. Em épocas próximas, vovera a lembrar-se dessas atividades sexuais da primeira infância e ficara muito aborrecido por terem dado oportunidade a que tais fatos acontecessem. Gostaria de ter permanecido imaculado para a juventude, pois essas aventuras deixaram-no angustiado durante o namoro mais sério com aquela que viria a ser a esposa de toda a vida.

Será que Roberto teria levado para o etéreo as recordações daqueles instantes primitivos?...

Para quem desejava só lembranças sem atropelos emocionais, estava começando muito mal. Encontrou as desculpas que empregara para o disfarce das responsabilidades e avaliou, com justiça, que nem sua idade não lhe facultava compreensão da moralidade em torno da sexualidade, nem sua história de restrições fora muito enérgica, para que

pudesse acusar-se de violência contra as determinações dos mais velhos, esses, sim, responsáveis e comprometidos com sua educação.

Mas não podia ir muito longe na inocência dos primeiros tempos...

Viu que iria desenrolar outros acontecimentos nesse campo terrível para quem se desejou monogâmico perante o grande amor de sua vida.

De repente, aquele longo arrepio pela espinha...

E as mulheres de que se lembrava? Como é que poderia acusar-se de infiel, se jamais Ernestina pudera acusá-lo de nada?

Percebeu que as lembranças a respeito dos amigos estavam levando-o a descobertas surpreendentes. A consciência estava tranquila, mas e os relacionamentos extraconjugais?

Por que a lembrança de Margarida e de Felícia se misturaram de início, quando agora estava diante de Ernestina, e somente dela, excluindo todas as outras mulheres, restando apenas aquelas brincadeiras da primeira idade?

Mulheres, religiões e acontecimentos vinham-lhe à mente de forma completamente aleatória. Refletiu:

— *Sonho ainda, pois nada do que penso está firmando-se como realidade. Se são o fruto da imaginação, suplico ao Senhor que me mande os companheiros espíritos que partiram antes de mim, para que me esclareçam, pois não tenho meios de configurar a verdade dos fatos.*

Deu-se um beliscão bem forte, mas avaliou que estava muito bem acordado. Só aí percebeu que a escuridão se desfizera e que o local em que se encontrava era o mesmo campo-santo, perto da sua sepultura.

Queria desfazer-se das más impressões do sonho de paz, pois se configurara que era muito egoísta e que se aproveitara de todas as pessoas.

Voltou a se lembrar dos parceiros de existência carnal.

Reinaldo era outro companheiro dos tempos de rapaz. Mais velho, fora quem o levava a uma casa suspeita, onde moças recebiam homens por dinheiro. Percebeu que estava utilizando-se de eufemismos. Não aceitava que se desprestigiasse a moralidade das pessoas, pois aquelas mulheres eram verdadeiramente vítimas da sociedade. Se pudessem, com certeza escolheriam outra vida...

Não fora bem sucedido naquela tentativa e ficou durante alguns anos em estado de choque. Mas conheceu Ernestina em um baile, onde foi levado pelo mesmo amigo, que o queria feliz.

Desconfiava de que os pais é que pediam para levá-lo a tais lugares, pois, de livre iniciativa, não se moveria de casa. Entraria na faculdade em breve, mas ficou preso aos encantos da mocinha.

Eram lembranças muito doces, mas penosas do ponto de vista familiar, pois a mãe cismou que não deveria...

A mãe...

Misturou as emoções e chocou-se com o fato de que havia real repulsa por aquela que o criara. Teria sido por causa da perda de um filho, causa inicial do desejo da adoção?

Admitiu que não tinha o controle da situação psicológica dos pais à época. Mais tarde lhe deram formação espírita de primeiríssima. Como não se soubera adotado, tinha de começar a encaixar as peças do quebra-cabeça.

Mas forte estremeção impedia-o de levar avante o julgamento das sensações relativas à mãe.

Lembrou-se de Reinaldo e pensou, em seguida, em José Leocádio. Zezinho foi o amigo que o acompanhou até fase bastante avançada da vida. Era pau para toda obra e ajudava-o no emprego da Secretaria da Fazenda.

E o comércio de peles?...

De novo, a percepção de que dera muito mais importância para as ocorrências de outras existências do que para a monótona sequência de fatos da última peregrinação.

Zezinho morrera atropelado na via pública. Fora velado e enterrado com muita angústia da família, sem que Lourival tivesse podido amainar tal sofrimento, apesar de conhecer todas as palavras mágicas da consolação espírita. A viúva não aceitava que o marido fora tão imprudente ao atravessar a avenida e suspeitou, durante muitos anos, que Zezinho havia planejado o acidente fatal. Tinha medo do suicídio do marido e temia revelar segredos de suas intimidades. Mas Lourival fora confidente...

Nesta altura dos pensamentos, começou a avaliar seus momentos de fraqueza perante as confissões do querido companheiro e colega de trabalho. Quisera levá-lo para o centro, mas não conseguiu.

Neste ponto das recordações, a mente começou a embaralhar-se. Viu os amigos fundirem-se numa só pessoa. Outros colegas começaram a aparecer e, em seguida, eram abocanhados pela monstruosa figura que se criava. Os chefes, os amigos do centro, os companheiros da rua, os assistidos da benemerência, os vizinhos, os familiares, os filhos, a esposa, tudo era engolido pela pujante figura que se criava diante de si. De repente, o seu mundo íntimo ficou vazio de pessoas. Era ele e o outro, algo indefinido, ameaçador, impositivo, imenso, com garras e tentáculos, mas inofensivo, pois na primeira investida para agarrá-lo, Lourival fez que recuasse prudentemente.

Mil olhos o observavam, enigmáticos, frios, apaixonados, incoerentes, distantes, em fogo, rancorosos...

Apertou a vista, esfregou os olhos com os punhos, tentou conhecer os sentimentos a respeito daquele amontoado de sensações díspares e concluiu que algo o povo deveria estar esperando dele, para que se quebrasse o encanto de tão misteriosa construção psíquica.

Via o monstro diante de si mas não acreditava em sua realidade. Deveria ser o símbolo de algo muito grande, como uma Esfinge a provocar a sua inteligência para o enigma que se propunha.

Não temeu, não vibrou de forma desconcertante, não se arrependeu de ter permitido que tal ser se alimentasse de suas memórias. Sabia que havia protetores, preceptores, anjos guardiães...

Nem bem se pôs a pensar nessas entidades especialíssimas e começou a ver fantasmas incorporando-se àquela figura.

Agora sim, longo estremeção começou a tomá-lo por inteiro. Queria ficar firme, corajoso, íntegro, sem lágrimas, mas não pôde desvencilhar-se de sutil sensação de

impotência. Desde que regressara do mundo físico, tudo parecia montar-se para o efeito da acusação, do sofrimento, da dor.

Queria livrar-se do pesadelo, mas não conseguia.

Sentou-se à beira da sepultura e encarou demoradamente o monstro que tinha diante de si.

— *Decifra-me ou devoro-te!* — era a fala que atribuía à quimérica figura.

Quanto tempo ficou ali pensativo, não foi capaz de imaginar, a verdade é que, de vez em quando, alguém se destacava do grupo e vinha saudá-lo, oferecendo-lhe, invariavelmente, os préstimos para a solução do mistério. Mas eram pessoas desconhecidas, lembranças de seres que lhe passaram pela vida sem qualquer importância, encontros com contribuintes no balcão da repartição. Agradecia afetuoso, na ânsia de maiores esclarecimentos, mas tais entidades tinham existência muito fugaz e desapareciam irremediavelmente, sem respostas.

Milhares de apertos de mãos depois, Zezinho veio-lhe ao encontro, com sorriso sarcástico na ponta dos lábios, como que acusando de algo. Ao estender-lhe a mão, sentiu forte empuxo para baixo, como se o quisesse arrastar para as profundezas.

Lourival hesitou em acompanhá-lo, julgando melhor oferecer resistência a tal impulso. De repente, Zezinho desfez-se no ar, à sua frente. Que significaria tudo isso? Iria deixar o monstro intacto, sem solicitar o desprendimento de ninguém mais, até que resolvesse de vez aquele misterioso caso. Que esperassem por ele! Queria desfazer-se da dívida que o gesto do amigo lhe indicava.

JOSÉ LEOCÁDIO

Lourival resolveu decifrar parte do mistério. Imaginou que o amigo estivesse querendo conduzi-lo para as profundezas. Sendo assim, em bom jargão espírita, seria caso de obsessão, ou, na expressiva formulação bíblica, de tentativa de possessão.

Objurgatórias não realizaria nem as cantilenas do exorcismo. Para ele, qualquer ser do universo, criatura de Deus, era irmão necessitado de apoio e compreensão.

Relembrou as palavras que dizia aos enfermos da alma, no centro de atendimento evangélico, e decidiu que iria invocar-lhe a presença. Retornasse de onde estivesse, para as explicações das pessoas que se amam. Afinal de contas, mantiveram tantas horas de proveitoso colóquio durante a vida, que não custaria muito ouvi-lo para as recriminações ou os conselhos, conforme seu grau de adiantamento.

Não surgiu ninguém, mas veio-lhe a ideia de que o suicídio fizera o companheiro cair em descrédito. Evidente que deveria arrastar-se, sofrendo, pelas lamas putrefatas das trevas profundas, pois o crime de ofender o Criador, atentando contra a própria vida, era imputável, inafiançável, quase diria imperdoável, não fora infinita a misericórdia do Pai. Mas, se a cada um segundo as obras, era certo que Zezinho (não seria melhor chamá-lo mais respeitosa e de José Leocádio?)...

A interrupção na linha de pensamentos desviou-o para outras lembranças. Rememorou o dia em que conheceu o jovem amigo, novo ainda na repartição, em que ingressava por concurso público. Por mais de vinte anos, privaram de amena amizade, um levando ao outro o estímulo da melhor vida possível. As famílias congregaram-se desde o início e, se Lourival não fosse tão turrão em matéria religiosa, teria aceitado ser o padrinho da cerimônia levada a efeito na paróquia do bairro. Mesmo assim, ajudou na solenidade civil, apondo sua assinatura no testemunho das promessas de assistência e de apoio mútuo dos nubentes.

Lembrava-se de que, mais tarde, chegaria a vez de Zezinho dar-lhe testemunho de companheirismo, no amparo à dor da perda das crianças. Se o remorso lhe rondara a consciência por ter permitido o trágico passeio, foi Zezinho quem lhe veio trazer o consolo fértil de quem tem em Deus incondicional fé.

E dizer que, mais tarde, se mataria...

Começava a desconfiar de que os temores de Isabel, a esposa, eram infundados. Zezinho jamais se manifestara pela mediunidade dos companheiros nem dera sinal em qualquer centro. É certo que era avesso ao espiritismo, que não admitia sequer a hipótese

da sobrevivência espiritual. Mas, depois do trespassar, com certeza a verdade se teria evidenciado.

Pensou na própria condição e avaliou quão difícil lhe estava sendo ultrapassar a fase da solidão. Que se diria de quem não tinha qualquer noção de como se portar no etéreo?

Mas agora, depois de tê-lo visto algo desesperado, ansioso, querendo arrastá-lo consigo, estremeceu. Veio-lhe à mente o fato de que todas as preces estavam bloqueadas, em sua emotividade, em sua fé, em sua confiança na recuperação do pobre infeliz, pela suspeição de que amargaria, obrigatoriamente, duros reveses, na ambição de regenerar-se.

Resolveu que iria imprimir à oração pelo amigo o melhor conceito de comiseração e de consolação, na impressão vibratória dos sentimentos que deveria causar aos protetores, para que liberassem a visita, para os entendimentos imprescindíveis.

Diria um pai-nosso. E o repetiria muitas vezes, até perceber que as emoções eram profundas, verdadeiras, de respeitosa saudade pelo companheiro...

Ajoelhou-se e pronunciou as sagradas palavras com o máximo de concentração, da mesma forma que fazia ao início e término das sessões de desobsessão. Tão perfeita foi a entonação que ouviu da própria voz que suspeitou que não haveria de ser atendido somente caso algum impedimento insuspeitado não permitisse a manifestação.

Sentou-se à beira do túmulo e ali ficou a devanear a respeito das sessões a que comparecera para o auxílio dos encarnados, na recuperação e esclarecimento dos sofredores. Aguardava, pacientemente, que o amigo se anunciasse por voz direta, conforme suspeitava que acontecesse naquele plano.

Olhou para o monstro das mil faces que, obediente, permanecia estático, como na expectativa dos acontecimentos. As ondas desencontradas que emitia e que Lourival a medo captava davam-lhe a ideia de temíveis acontecimentos futuros. Que revelações estariam para ser feitas?

Relembrou sua primeira sessão em que os espíritos se manifestaram para valer, mas penduleou o pensamento para situação semelhante, quando, em existência anterior, adentrava o terreiro para as manifestações de outras entidades.

Temeu que as comparações pudessem levá-lo a esquecer-se das vibrações pelo amigo e voltou a concentrar-se naquela pessoa tão estimada e tão mal interpretada ao final.

Isaura estivera em sua residência muitas vezes, depois da morte do marido, sempre chorosa e sempre necessitada de apoio. Ernestina a amparava e ele só imprimia às conversas as características doutrinárias de que ela mais carecia. Eram informações colhidas nas obras mediúnicas, mui especialmente nas de André Luís, cujas colônias de atendimento após a morte lhe ensejavam pretextos para discorrer a respeito da necessidade de se inteirar das diretrizes da fé kardequiana.

Isaura parecia ouvir interessada, mas, católica de confissão e comunhão, não se decidia a acompanhá-los, jamais.

Certa feita, deixou de visitar o casal por mais de ano, até que lhes telefonou, indicando novo endereço, afirmando que se arranjava com antigo namorado, apaixonado de outros tempos, que, tal qual ela, enviuvava.

Formalmente, nunca mais se encontraram, mantendo-se Ernestina ao corrente da amiga, que se reconciliara com a felicidade. Aos poucos, caíra no esquecimento.

O que atemorizava Lourival, na fórmula de recordação do passado, é que não conseguia visualizar os acontecimentos, como se tudo fosse produto da imaginação. Quando se lembrava de Zezinho, dos casamentos, do falecimento dos filhos, dos encontros das famílias nos natais e *réveillons*, tudo se fixava fortemente na retina, como se estivesse presente aos acontecimentos naquele justo instante. Mas a morte do parceiro e tudo o que daí se seguia não era real, como se nunca nenhum desses fatos tivesse ocorrido.

Seria porque não agira de modo conveniente? Haveria a interferência de problemas conscienciais, como se houvesse desleixado da responsabilidade do encaminhamento do amigo ou da família pelas trilhas da verdade doutrinal?

As perguntas não mereciam resposta, da mesma forma que o tempo estava passando sem que a evocação tivesse sido atendida.

A forte decisão de resolver definitivamente o caso da tentativa de arrastamento para o Hades iria ter de ficar para depois.

Olhou para o conglomerado de imagens e solicitou permissão para que se desprendesse alguém com quem pudesse realmente conversar.

Imediatamente, surgiu-lhe a figura da mãe, a verdadeira, a natural, a cuja fugidia lembrança só recompusera durante a regressão. Que teria ela para lhe informar?

VERÔNICA E PETRÔNIO

Lágrimas rolavam pelas faces da jovem postada à sua frente. Loiríssima, deixava os cabelos de ouro cascatearem pelo colo até a cintura, espargindo suave odor de rosas no ambiente.

Apaixonou-se pela figura feminina que lhe dera vida. Os róseos bicos dos seios e o sorriso de amor se desprendiam da memória para saltarem para diante da vista. Era a nutriz de suas aventuras existenciais.

Quis que ela falasse, mas embargava-lhe a voz o reconhecimento dos afetos e dos carinhos esquecidos no passado.

Surgiu, suavemente, para postar-se ao seu lado outra entidade. Era o pai. Não sabia de onde, vieram-lhe os nomes: Verônica e Petrônio. Nomes antigos, fortes. Desejou informações, pois as lembranças estavam severamente apagadas, quando as queria nítidas, completas, perfeitas.

Recordou-se das leituras que lhe sugeriam que os pais combinam com os filhos a gestação e os compromissos da educação. Por que falhara a segunda parte das responsabilidades? Sem dúvida, a ternura que demonstravam por ele revelava que seriam protetores do etéreo, para seu desenvolvimento espiritual durante a vida.

Mas por que o haviam abandonado? Será que também a morte de ambos estava combinada, para que sofresse as desditas da adoção e as consequências do desamparo? Talvez não, pois os pais adotivos o cercaram de muita felicidade e de muitos conhecimentos.

Queria respostas, mas as duas figuras se limitavam a olhar, com muito amor, na tentativa de deixá-lo absolutamente tranquilo em relação ao apoio que estaria tendo, apesar de tantas peripécias desagradáveis.

Aos poucos, ligeiras mudanças nos traços fisionômicos começaram a dar-lhes outras feições. Se bem conhecia as regras genéticas, estava diante de familiares consanguíneos, dadas as similitudes com as próprias características. Mas por que razão iam rejuvenescendo mais e mais?

Com a idade de dez anos, aproximadamente, estavam muito parecidos com os filhos tragicamente perdidos para a vida na carne. Se voltassem um pouco mais, diria que eram exatamente eles.

Mas as transformações evoluíram até que, verdadeiramente, se revestiram das carnes das gentis criaturinhas.

Lourival se desfazia em pranto. Começava a entender que dera agasalho aos pais, em encarnação subsequente. Cedo partiram em ambas as oportunidades, mas cresciam-lhe as esperanças de que tudo iria ser esclarecido muito brevemente.

Ajoelhou-se e timidamente estendeu os braços para receber as crianças. Mas temeu por desaparecimento instantâneo, se intentasse grosseiramente avançar sobre os entes queridos.

Em meio a mui confusas sensações, orou prece muito comovida, para que tais bênçãos se demonstrassem de seu mais profundo reconhecimento.

Súbito, teve uma desconfiança. Se eram os pais e os filhos as mesmas pessoas, que relacionamento deveria haver entre os três? Seria recebido como filho ou deveria proceder como pai?

Notou a dimensão dos seres queridos e desejou ficar exatamente com a mesma aparência, que iria poder estabelecer padrão vibratório em harmonia. Não era assim que se aproximavam os entes mais estimados, conforme as lições de Kardec?

Não queria raciocinar nem filosofar, mas a sensibilidade não se desprendia do receio de estar ofendendo o Senhor, por não julgar-se digno da graça de ter tais entidades ao alcance da emotividade.

— *Queridos!...* — foi a única palavra que pôde articular.

Aí os três seres se fundiram em um só, como em abraço perfeito, em uma só comoção superior de felicidade. Em êxtase, agradecia ao Pai estar tão próximo do paraíso.

Perdeu a noção do momento e perpetuou as sensações indefinidamente, eternamente, em esquecimento completo de quem era, de quem fora, de quem viria a ser.

Mas, aos poucos, foi recuperando o domínio sobre a realidade, principiando por comparar o comovente enlace com a solidão colorida do isolamento anterior.

Refazia-se a memória e as criaturas começaram a esgarçar-se nas vibrações do espaço ao derredor, como duas pequenas nuvens plenas de suave luminosidade. Nada tinham dito. Tudo ele havia compreendido. Não mais teria medo de nada, pois sentia que os seres das camadas superiores da espiritualidade deveriam estar amparando aquelas entidades, para que se aproximassem tão carinhosa e completamente.

Desaparecidas as visões, readquiriu a noção da situação incômoda em que estivera após o desenlace vital. Olhou em volta para reencontrar a figura monstruosa que criara, sabendo que era o resultado dos temores no enfrentamento das culpas em relação aos demais. Não tinha mais dúvida de que ofendera muitas pessoas, muitos espíritos, muitos irmãos, fosse lá qual fosse a nomenclatura que deveria utilizar. Agora, fazia o possível para a reconciliação, pois sentira o prazer da felicidade incorpórea.

Lembrou-se de Ernestina e desejou vivamente que ali estivesse, para integrar-se ao grupo de amor.

Diante de si, cabelos desgrenhados, boca espumando, carantonha de megera, atitude ameaçadora de quem pretendia vingar-se, estava Catarina, a mãe falsa, pronta para arrastá-lo para a escuridão...

CATARINA E NICANOR

— *Nicanor, meu pai, socorro!* — foi o que lhe veio à lembrança gritar.

Diante da figura horrenda da *madrasta*, não saberia como se compor. De repente, todas as impressões de dor que ela lhe causara se concentraram na ansiedade da revelação dos íntimos pensamentos de revolta.

Tiveram transbordamentos emotivos e as queixas de ambos nunca se explicitaram, deveras. A luta fora surda e o crescimento da repugnância aparentemente recíproco.

Ou teria mão única, na falsa impressão de que fosse malquisto? Catarina era quem lhe dizia todos os não e quem lhe dava corretivos, na forma de pequenas agressões físicas. Não se recordava de nenhuma grande surra, de nenhum despropósito de palavras ou expressões.

Era a atitude de represália pelas brincadeiras e malfeitos que ele detestava. E tudo lhe adviera desde a primeira infância...

Quem fora Catarina nas encarnações pregressas?

A pergunta cairia no abismo das interrogações inúteis, não lhe aparecesse Nicanor para os afagos de pai substituto. Este, sim, jamais tivera um só ralho para com ele, tornando-se companheiro para todas as horas. Não fora o pai quem o conduzira moralmente e o introduzira junto aos companheiros da mocidade espírita?

— *Meu filho* — era a primeira voz que lhe parecia dita diretamente pela pessoa ali constituída —, *Catarina e eu somos antigos adversários, entidades que lhe desejaram mal durante muito tempo e que você aceitou como responsáveis por sua educação, em maravilhosa reunião em que seu espírito compareceu, quando, órfão, se hospedava no internato da caridade oficial.*

Lourival não desejou saber mais nada. Quis apertar o casal de encontro ao peito, mas Catarina não estava caracterizada como a criatura maravilhosa que lhe dera agasalho, alimento e educação. Estava fortemente impregnada de vibrações hostis.

— *Muito obrigado, querida amiga!* — disse num suspiro, ajoelhando-se-lhe aos pés, fartas lágrimas a escorrerem pelo rosto. — *Faça de mim o que melhor lhe aprouver, caso se sinta credora dos resgates da dor. Saiba que não pretendo reviver as misérias da minha conduta. Se méritos tiver adquirido pelos serviços aos irmãos carentes de esclarecimentos, de carinhos, de bens materiais ou morais, aceite todas as regalias a que eu tiver direito, para cômputo junto às suas inegáveis qualidades...*

Lourival lembrava-se dos discursos que lera alhures, mas os dizia de verdade, na ânsia de cumprir o ensinamento da reconciliação.

Catarina repousou das virulências estampadas na fisionomia e, amparada por Nicanor, que lhe aplicava *passes* por toda a constituição perispirítica, teve vários estremecimentos, como a recordar os felizes acontecimentos da época da relação corpórea, quando os pequeninos ganhos do adotado (Nicanor lhe sussurrava: — *Filho!, filho!...*) lhe proporcionavam imensas alegrias. Súbito, despertou para os sofrimentos da perda dos netos, do desespero do jovem casal, das ternuras de arrebatamento que sentira para consolar o pai (queria chamá-lo *amado, estimado*, mas estava bloqueada por antigos preconceitos), que se espojava nas ânsias do arrependimento e do remorso.

Copioso pranto começou a rolar-lhe pelas encarquilhadas peles do velho e rugoso rosto. Cedia, finalmente, à evidência do crescimento espiritual do ser que merecera dela tantas perseguições. Acostumara-se a rogar aos protetores que auxiliassem o sofredor ali rojado a seus pés, mas isto fora enquanto não se recordava de quem era ele, verdadeiramente.

No etéreo, atarantara-se quando o reconheceu, precisando ser contida pelo marido, para não fomentar o ódio dos inimigos que lhe rondavam os passos para obsidiarem-no. Estava, porém, fortemente protegido por entidades de bom poder vibratório, que lhe davam assistência pelas responsabilidades que assumira junto à diretoria da instituição de auxílio espiritual. Por outro lado, seu procedimento era irrepreensível e não facultava oportunidades para as influências deletérias dos maldosos.

Lembrou-se de vários adversários que foram conduzidos à doutrinação junto à mesa evangélica da mediunidade de desobsessão e que receberam todos os esclarecimentos de que careciam, aprendendo a esquecer, quando não a perdoar, para o justo encaminhamento aos tratamentos devidos, cada qual segundo seu nível de periculosidade espiritual.

Enfim, ela mesma, na carne, fora admitida junto aos trabalhos mediúnicos e desempenhara a contento tarefas no campo da prestação de serviços evangélicos. Contudo, sofrera muito pela incompreensão das leis de causa e efeito e do progresso. Não fora por Nicanor...

O quadro do abraço entre os pais e filhos, que presenciara há pouco, forçada não sabia por que forças impositivas da espiritualidade, estimulou-a a acarinhar os cabelos do protegido.

— *Meu querido filho! Meu querido filho!... Eu o perdoo e rogo que tenha compaixão...*

Lourival e Nicanor se abraçaram a ela, mas, diferentemente do amplexo anterior, não conseguiram obter o mesmo índice de tranquilidade e de paz. Certa formalidade apontava para a frieza do relacionamento, como se estremecimentos impedissem absoluta franqueza e isenção dos ressentimentos. Haveriam de se reencontrar muitas vezes para as recomposições necessárias. Em cada coração, em cada mente, em cada consciência perpassava a ideia de que Deus e só ele era perfeito... Trabalhariam, estudariam, sacrificar-se-iam, pois estavam decididos a resolver todas as pendências. Tais íntimas deliberações eram o pensamento uniforme daqueles seres reunidos fraternalmente.

— *Enfim*, falou Lourival em voz alta, *haveremos de sentir um dia a presença de Jesus a nos abençoar!*

Mas estava só, diante de um mudo e espantado monstrengo de algumas faces.

SOMBRAS QUE SE DESFAZEM

Lourival orava em silêncio, sem saber direito o que pedir ou como agradecer. Maravilhara-o a solução dos relacionamentos infelizes ou misteriosos. Queria acreditar que estivesse em condições de enfrentar até os disparates de Margarida e os próprios ciúmes, lembranças que não se apagavam de sua retina metafísica.

Outros olhos, todavia, deveriam ser retirados da figura não tão monstruosa que tinha à sua frente.

Como num passe de mágica, foram desprendendo-se do conjunto centenas de criaturas, muitas das quais reconhecia. Eram aqueles seres que dele se riam durante o velório. Eram antigos desafetos das mesas de atendimento mediúnico que não alcançara doutrinar. Eram amigos dispersados pelo tempo, relacionamentos de um dia, encontros fortuitos para negócios. Fornecedores de peles. Companheiros de terreiro. Alguns conhecidos dos centros espíritas. E sacerdotes, pastores, pais de santos, mães de santos. Mulheres de vida fácil, companheiras de algumas horas. Ninguém com quem tivesse mantido longos contactos. Mas expressivos em seus semblantes de admiração, de rancor, de indiferença, de ódio, de suaves recordações, de esperanças desvanecidas...

Desejou amar a todos, na expectativa de que cresceria em virtudes. Mas eram muitos e não estavam dispostos a atendê-lo. Quando estendeu o braço para alcançar os mais próximos, muitos desapareceram. Queria tê-los ali para entretenimentos filosóficos, morais, vitais. Não tinham tempo a perder. Outros foram esfumando-se, até restarem alguns que se deixaram tocar, como com Jesus, quando impunha as mãos para a cura dos doentes da alma e do corpo.

Eram os mais cordatos, os mais generosos, os mais afáveis, mas, mesmo assim, as vibrações eram sentidas rudes, grosseiras, inferiores. Seriam seres de baixa extração espiritual, ainda pouquíssimo evoluídos? Sem dúvida necessitariam de auxílio para a conquista dos valores evangélicos. A cada um em particular, Lourival prometeu ajuda, assim que se desvencilhasse da condição de recluso da morte.

Aí todos os demais se retiraram, bruscamente, restando alguns olhares naquele ser disforme que o observava.

Quem permaneceria? Seriam parentes esquecidos, tios, avós, primos, irmãos, falsos e verdadeiros, que muitos tinham partido nas diversas encarnações sem que lhes

desse muita atenção? Temeu por não ter-lhes oferecido o apoio de suas luzes e o abrigo de suas preces.

Enfrentá-los-ia.

Um a um, os espíritos foram aparecendo para os abraços mais comovidos. Eram, sim, parentes de outras eras, muitos com auras distintas, brilhantes, a maioria capacitada para entendê-lo e perdoá-lo. Queria ofertar a mão, a mente, o ombro. Vinham para demonstrar que estavam, eles sim, em condições de dar-lhe novo ânimo. O mais que faziam eram demonstrar solidariedade e apoio, em vibrantes manifestações de alegria pela regeneração das faculdades enegrecidas dos defeitos e pela aquisição das virtudes do amor, da fé, da esperança, da caridade.

Acreditasse, diziam todos, o futuro estava garantido.

Mas o que era bom não durou muito em sua visão alterada do perpassar do tempo. Num instante, estava de novo diante da criação fantasmagórica, simples agregado de luminosas ondas coloridas, nuvem cósmica a flutuar perante seus olhos extasiados.

Quem restaria ali?

Imediatamente, perfilharam diante de si cerca de dez criaturas de muito boa aparência. Eram, sem dúvida, os seus benfeitores. Dentre eles, destacava-se a figura de um amigo de muitas encarnações. Não acreditava. Sentia-se envergonhado. Rojou-se por terra, pedindo perdão.

Fizeram-no erguer-se e controlar-se. A solenidade da hora não dava azo a manifestações pueris de fraquezas e melindres. Empertigou-se e serenou a fisionomia, na grave postura de quem se põe perante o tribunal de Deus.

Também não era para tanto. Alguns começaram a sorrir-lhe afetuosamente, embora impedidos de se aproximarem para as efusivas congratulações por estar adentrando etapa nova no círculo evolutivo das espirais que conduzem ao Senhor.

O tempo começou a estender-se indefinido, lento, vagaroso. Cada pequenina transformação facial era como que o desabrochar de uma flor, passo a passo. Tudo se desenvolvia como nas cenas em que se utilizou de câmara rápida para o efeito da lentidão. O seu célere raciocinar se bloqueava e ele também se desligava das habituais expressões, segundo as quais exigia de todos que se desincumbissem das tarefas o mais depressa possível.

A felicidade, pensava com muita dificuldade, requeria morosidade, permanência, eternidade... Lembrou-se vagamente da descrição bíblica da criação do mundo e percebeu que Deus não tivera pressa em trazer do nada, do caos, da confusão, do verbo, cada pequenina peça do enorme quebra-cabeça. E descansou no sétimo dia, afinal.

Amainou os desejos de entendimento, de compreensão, de elucidação e pôs-se a fruir das benesses da paz. Era a primeira vez, na existência incorpórea, que chegava a tanta perfeição espiritual.

Influxos vibratórios provindos dos benfeitores estimulavam-no para a percepção do bem e do amor que lhe dedicavam os seres evoluídos. Todas as ansiedades desapareceram e o único que pôde construir no íntimo da consciência foi um mundo de extraordinário êxtase. Perpassava-lhe pela mente a ideia sublime de como seria estar com Jesus, nos páramos superiores da bem-aventurança. Lembrou-se de Deus, do paraíso celeste, e orou, agradecendo a existência. Finalmente, compreendia o que é o ser.

Quanto tempo ficou ali, não sabia.

Quando acordou, sentia-se absolutamente íntegro, pronto para os trabalhos que o conduziriam para níveis evolutivos superiores. Mas uma surpresa o aguardava, naquele ambiente renovado, pois ainda se encontrava junto à sepultura. Tudo o mais, cruces, estátuas, imagens de santos, de anjos, velas, vasos, árvores e até a linda capelinha, que jurava ter visto lá no fundo, desaparecera.

Que mais poderia haver escondido nas profundezas da tumba?

O BENFEITOR SE DECLARA

Lourival já não acreditava que estivesse sendo punido, senão que algo deveria fazer para oferecer-se à revelação dos mentores espirituais. Não precisou de muito esforço para perceber que o túmulo estava absolutamente vazio, não havendo sequer vestígio de ataúde, muito menos de cadáver. Seu olhar percuciente conseguia varar a *atmosfera* material e sólida, como se a energia se compusesse complacientemente conforme sua vontade soberana.

Viu, com desagrado, que o cordão luminoso que fixava o perispírito ao corpo carnal estava bem ali aos seus pés, enfronhando-se na espessa camada até onde sua visão já não mais alcançava. Era mistério mui profundo, difícil de decifrar.

Quis uma entrevista com o amigo de muitos séculos, reconhecido mentalmente no glorioso momento de paz, pois lhe parecia que as dificuldades menos importantes estavam resolvidas, pelo menos periféricamente, no relacionamento grosseiro dos que se aceitam como individualidades mas sem os apegos sentimentais de quem verdadeiramente se ama.

Lembrou-se da esposa quando encarnando Margarida e não compreendeu a razão das ojerizas que se mantinham quase intactas. Afinal, não houvera amado a mesma criatura na qualidade de Felícia e não a havia respeitado como Ernestina? Por que tais fixações de épocas que deveriam esquecer-se?

Recordou-se da figura que acompanhava a esposa de outra época e quis decifrar esse enigma antigo.

Ao voltar o olhar para cima, na súplica que se seguiria, deu com a presença do companheiro, este mesmo que se identificou como narrador.

Não tive dificuldade em fazê-lo entender que nosso relacionamento nem sempre fora o mais saudável, imantando-o para épocas bem anteriores em que disputávamos o amor da mesma mulher. Fi-lo compreender que a amizade entre os três começou a se sedimentar quando me retirei para estagiar em colônia de atendimento espiritual no etéreo, de sorte que deixei o campo em aberto para que se desenvolvessem a simpatia, o amor e as demais afinidades entre os dois.

Não posso esconder que sofri e que enviei muitos fluidos de mau caráter contra ambos, neutralizados, contudo, pela fé que mantive acesa na misericórdia divina. Privilegiado por companheiros de jornada com os mesmos problemas, pude desvendar os

segredos do egoísmo que me forçavam a enganar-me quanto ao desejo de posse e manutenção de outro ser.

Não preciso dizer que o comovi muitíssimo, pois Lourival era bem capaz de perceber que os mesmos sacrifícios deveria realizar em prol do cumprimento maior da lei, do mandamento ou do ensino do Mestre Jesus, ou seja, de que a maior das leis é a do amor a Deus, o que nos obriga a devotar os melhores sentimentos a todos os irmãos, sem exclusões.

Confessou-me que a visão do ser que acompanhava Margarida era tremenda forma de acelerar-lhe o coração, nas horas horrorosas em que imergira nas trevas conscienciais, especialmente porque não se considerava puro para a sublimidade do amor de Jesus, tantas foram as mulheres com quem se entretivera, até mesmo e principalmente naquela longínqua encarnação.

Fiz-lhe ver, com palavras bastante sóbrias, sem paixão, que a minha presença junto a Margarida, na sua mente, era a tradução de antigos ciúmes e demais configurações do ódio e do desejo de vingança.

— *Querido amigo*, disse-lhe emocionado, *não corra atrás dos fantasmas da imaginação. Se você teve o direito a uma vida estimulada pelas diretrizes espíritas fundamentadas nas doutrinas de Kardec, foi porque, com Felícia, soube desvencilhar-se completamente das ilusões da grandiosidade apoteótica de quem tudo pode perante a matéria.*

Era preciso, pelo consenso dos orientadores envolvidos no atendimento a Lourival, que soubesse distinguir as conotações das últimas quatro encarnações, de forma bastante rigorosa, no intuito de caracterizar os pontos evolutivos conquistados através do sofrimento e da reflexão sobre a dor.

Lourival se dispôs a perolustrar cada uma das encarnações, conforme os pontos mais importantes ligados aos casos amorosos, na descoberta das causas de todas as vicissitudes.

Mas colocou condições.

Queria saber a razão de estar preso ainda ao cordão da vida e quais as razões de não estar sendo tratado em alguma colônia, conforme a declaração que lhe fiz a respeito de meu estágio anterior. Queria saber, também, por que não fora estimulado de maneira clara para a decifração, precisando comportar-se até de forma desprimorosa perante os amigos que estariam a observá-lo.

Eram desejos lícitos? Seria hora de dizer-lhe que se encontrava ainda preso ao corpo no hospital, não tendo, portanto, desencarnado? Seria o momento de lhe revelar que a esposa se arremessara sobre seu corpo não porque morrera, mas porque dera sinais inequívocos de recuperação da consciência?

NOVA INTERRUPTÃO DO NARRADO

Muitas interrogações devem estar sendo levantadas pelos espíritos percucientes. Quer dizer que Lourival sofreu inúmeras alucinações, quais sonhos malfazejos, sem possibilidade de controle pela vontade?

Estamos no domínio da hipnose, realizada sob o amparo de amigos da ***Escolinha de Evangelização*** do setor *médico* ou *psiquiátrico*. Nada com que o confrade não tenha anuído formalmente. Ocorre que os desejos não são inteiramente satisfeitos, de forma que nem todas as premissas das regressões se dão segundo o padrão genérico.

Se fôssemos discorrer livremente, iríamos ter de configurar imensa série de providências paralelas, em diversos campos de trabalho. Exemplifiquemos informando que todos os efeitos visuais do paciente estão sendo colocados em tela, onde as imagens se *projetam* como são vistas por ele.

Contudo, as normas evangélicas exigem que não haja curiosidade mórbida, devendo todas as entidades envolvidas na prestação do socorro isentarem-se de julgamentos inoportunos, prejudiciais pela emissão de vibrações de caráter inferior, captáveis pelo paciente e transformáveis em sintomas de dor e desconforto.

Não queremos avançar muito neste nível de informações e pedimos vênias para continuar com as apreciações dos eventos periféricos aos dramas em que se envolveram as personagens.

Lourival tem estado conosco para o conhecimento dos diversos acontecimentos que desencadearam as reações hostis às pessoas ou aos espíritos, conforme se sentia acuado em seus estremeamentos conscienciais. Por isso, aproveitamo-nos do acidente que o colocou em estado comatoso, para levá-lo à compreensão das principais dificuldades. Como informamos, não atendeu espontaneamente à oportunidade que lhe estava sendo dada, de modo que lhe solicitamos permissão para a imantação adequada aos sucessos, conforme estamos relatando.

A bem da verdade, no início, o trabalho seguia *pari passu* à narrativa, mas não fomos capazes de elaborar as descrições psicológicas nem de transmiti-las concomitantemente, de forma que, nesta altura dos ditados, avançamos bastante no conhecimento das reações do amigo, podendo afirmar que temos conhecimento do desfecho do processo.

Como se trata de caso verídico, na esfera do tratamento das afecções psíquicas, não estamos imprimindo ao texto valor literário, na busca da beleza do relato como obra que vise a obter sucesso editorial. Mas também não queremos transformar as mensagens em aparatoso tratado científico. Simples trabalho de divulgação de acontecimentos na área espiritual, pretendemos, sim, estimular as pesquisas neste campo do conhecimento, uma vez que todos os encarnados hão de, obrigatoriamente, passar por semelhantes contingências de rememoração das vidas, para a recuperação das memórias, no intuito de se configurarem as linhas mestras da personalidade, que a evolução só se dará à medida que houver completo domínio pela consciência dos processos de comportamento, no campo da moral evangélica.

Não queremos assustar os leitores, mas a verdade é que Lourival é criatura das mais felizes, tendo progredido nos conhecimentos e nas atitudes evangelizadas, quando o mais comum é que os mortais, ao retornarem, sofram perversamente as destruições dos procedimentos eivados de valores materiais, havendo muitos que permanecem por séculos (para não dizer milênios) flutuando entre o Umbral mais tenebroso e as reencarnações miseráveis, destemperados pelo egoísmo, pelo orgulho, pela vaidade, pelos vícios e demais espécies de maus hábitos.

Quiséramos adiantar para o querido amigo as informações que nos solicitou, mas deliberou o grupo prosseguir levando avante o plano inicial de que as descobertas deveriam dar-se sob condições emotivas ideais, para que não se abalasse com as revelações. O contrário seria como o que ocorre quando os pais desejam que os filhos tudo saibam e despejam-lhes sobre os cérebros imaturos enorme quantidade de dados, que, mal apreendidos, terminam por causar distúrbios difíceis de tratar, e.g., ostentação do sexo, exposição ao ato sexual, imposições religiosas de caráter dogmático, descrição pejorativa dos responsáveis pela condução político-econômica etc.

De início, como vimos, as impressões das diferentes encarnações se acumularam, segundo sua ordem de importância para o reflexo dos entevos conscienciais. Aos poucos, os elementos da memória foram reorganizando-se até que chegamos à fase de favorecê-lo com a recordação de cada vida, separadamente, na tentativa da avaliação dos fracassos, caracterizando-se as frustrações e os ajustamentos consequentes, para nos utilizarmos de linguagem corrente na ciência psicanalítica.

Lourival deixou-se hipnotizar por lhe termos dado a ideia de que a morte se avizinhava. Sendo espírita dos bons, isto é, aplicado tanto aos trabalhos de assistência caritativa como à leitura das obras doutrinárias, teve o desejo de passar ao etéreo disponível já para o desenvolvimento de tarefas no campo do socorrismo. Eis porque, afavelmente, se colocou em condições de magnetização profunda.

Não lhe demos permissão para investigar os elementos da realidade, de forma que a impressão que lhe restou foi a do trespasse, tendo o grupo ajudado a construir todos os passos lógicos para o enterro, na representação dramática produzida no setor da imaginação. Ajudaram-nos as lembranças dos anteriores trespases. Mas isto foi tão só recurso para que alcançássemos os objetivos de levá-lo a considerar os fatos das vidas como coerentes e reveladores.

De qualquer modo, para não transformarmos este narrado em carrancudo texto teórico, vamos prometer dar objetividade às descrições, colorindo-as com as reações

psicológicas provenientes das surpresas, dos sofrimentos e dos prazeres, para que os amigos possam ter pálida ideia de como irão reagir quando da sua vez de decifração do mistério.

Que Deus nos proteja neste desiderato!

A PRIMEIRA REGRESSÃO

Aplicados *passes* vigorosos por todo o perispírito de Lourival, foi possível mantê-lo magnetizado para a regressão pretendida.

Diferentemente com o que ocorre entre os encarnados, cabe ao manipulador dos fluidos determinar o ponto da memória que quer revelar para a área de fixação consciente. Chamaríamos de *despertar*, se não pretendêssemos deixar as recordações esquecidas, para o efeito da continuidade da vida carnal.

De qualquer modo, Lourival adquiriu a possibilidade do exame das lembranças do tempo em que conviveu com Margarida, dois séculos atrás, aqui mesmo no Brasil.

Padronizamos as reminiscências pelas dificuldades de ajustamento em relação aos compromissos matrimoniais, desde que o mais que o preocupava era o relacionamento com a esposa. Não desejamos que examinasse a infância, para não nos demorarmos nos traumas causados pelos familiares, muitos dos quais iriam transparecer na convivência conjugal e extraconjugal. Enfim, não tínhamos o mesmo tempo que empregamos quando o ser auxiliado já transpôs os umbrais da morte. Por isso, selecionamos as piores recordações.

Lourival chamou Margarida para os entendimentos devidos, logo que soube da descoberta dela dos seus amores clandestinos de solteiro, os quais o amigo escondeu para poder prosseguir mantendo-os como estavam.

Asperamente, determinou à consorte que não interferisse em suas decisões de homem, fazendo-a limitar-se à vida doméstica, no cuidado dos filhos e dos fêmulos. Margarida era de abastada família e não se submeteu aos impositivos da soberba, intimando o rico comerciante de peles a que se desfizesse dos compromissos com as diversas amásias *teúdas e manteúdas*.

Foi por essa época perseguido pelos cunhados, os quais o puseram sob vigilância cerrada, para que não desbaratasse o dote do casamento.

Lourival recordou-se das impressões relatadas anteriormente e surpreendeu-se pela confusão que estabelecera, já que imaginara os cunhados pobretões. Misturara as encarnações?

Avançando um pouco mais a memória, contemplou diversos enteveros familiares, primeiramente com a mulher, depois com os cunhados, terminando por corroer a estrutura familiar, quando percebeu que a religião estava interferindo nas predisposições mentais de todos, pois os sacerdotes instigavam a esposa à rebeldia, já que Lourival estava afastando-se-lhes ao domínio, não lhes destinando as polpudas espórtulas de antigamente.

De repente, viu-se na escuridão do Umbral, às voltas com entidades que o perseguiram, mui particularmente por não lhes ter facultado a vida promíscua que prometera, nem o correlato crescimento econômico.

Quis saber a causa da transição brusca para o etéreo, uma vez que não lhe vieram à mente as fases da maturidade e da senectude. Teria sido assassinado?

Esse medo o assustou, pois talvez tivesse sido envenenado sem que desse por isso, já que a partida, em tais casos, muitas vezes é protegida pelos benfeitores espirituais, para que não cresça a vontade de vingança e a conseqüente perda de muitas conquistas de caráter moral.

Mas não lhe foi possível recordar-se da morte.

Precisei trazê-lo de volta ao presente, para que pudesse observar o quadro, sobre o qual projetei as minhas memórias daquele evento.

Estarrecido, Lourival pôde avaliar o quanto estivera sendo injusto em relação a todos. Fora assassinado, sim, mas por razões adventícias, em assalto não premeditado, no azar de se ter deparado com dois assassinos em escura noite, quando regressava de uma das amantes.

Haveria a mão do destino ou de algum ser superior, inimaginável para nós, a gerar os acontecimentos, no intuito da recomposição da verdade espiritual? Em termos vulgares, teria sido por *vontade de Deus*?

Quanto a nós, confirmamos-lhe que o mais que fizemos foi tentar avisá-lo das prováveis vicissitudes, mas, embriagado, não lhe foi possível atentar para as advertências do outro plano. Mediunidade era tema de que não se cogitava e seu nível de envolvimento com as forças da espiritualidade era muito grosseiro e elementar. Não houve jeito de interceptar as ações e Lourival deixou o mundo em precárias condições.

Saiu, pois, o amigo endividado e comprometido. Haveria de resgatar os males causados a muitos seres, já que os prejudicara ao invés de se tornar em apoio moral e espiritual, com base nos recursos sociais, intelectuais e financeiros que lhe cabia gerir, para facultar às pessoas que evoluíssem em paz.

Lourival quis saber se as dificuldades não seriam até de maior proveito para aquelas pessoas, que tiveram de enfrentar problemas de muitas espécies, aprendendo a respeitar a dor, no enfrentamento devido da sorte adversa para o resgate das faltas.

Imantamos o ambiente e lhe demos o direito de reler as páginas sagradas dos ***Evangelhos***, exatamente aquelas em que Jesus observa a necessidade do escândalo, como também os reveses daqueles através de quem as revelações adviriam.

Não se enredou nos princípios silogísticos de Jesus, mas interessou-se sobretudo pela fórmula que adotamos para a recordação das leituras.

— *Que sistema fabuloso!* — dizia-nos. — *Basta pensar nos trechos das obras para que as páginas se disponham tais quais diante dos olhos, como se a leitura se desse neste justo instante!*

Não estava incomodado com as revelações da triste época dos grandes desvarios sexuais. Sabia que outros tempos seriam mostrados, como ainda tinha a certeza de haver trabalhado com afinco para a recomposição das amizades. Estavam-lhe frescas na memória as ocorrências recentes das extraordinárias demonstrações de afeto, em contraposição a tão poucas repulsas.

Queria que explicássemos se todas as leituras poderiam ser recapituladas da mesma forma.

Tranquilamente, pusemo-lo a par das obras arquivadas no *cérebro imaterial*, dando-lhe oportunidade para livre recordação.

Voltou ao tempo de católico e quis reler o catecismo, conforme se lembrava que o fizera por aqueles idos. Estranhou muito que as páginas se embaraçassem em sentimentos estranhos, como se todas as impressões de vida e os raciocínios da época o impedissem de reler as páginas, com a mesma clarividência do episódio de Jesus.

Mostramos-lhe que não era difícil de *limpar* a mente dos prejuízos emocionais, facultando-lhe a possibilidade da leitura escorreita, como se estivesse a folhear o opúsculo.

Achou Lourival preciosa a informação e desejou reler outras obras. Obstamos-lhe o intento, para que não caminhasse sozinho pelas sendas da memória, em trilha bastante estranha aos nossos desígnios. Relutante, acedeu em volver à época de permeio às encarnações, para sentir as sensações e reações durante os sofrimentos umbráticos.

A primeira observação que nos fez foi a mais comum, ou seja, que se isentava das dores, podendo examinar o intelecto e a sensibilidade como se o ser analisado fosse outra criatura. Inteligente, concluiu que só poderia ser assim mesmo, pois os males que resgatava, provavelmente, estariam suficientemente pagos. Não seria justo que o Pai de infinita misericórdia o fizesse sofrer duas vezes pelos mesmos crimes.

O que lhe ficou como impressão maior de tais acontecimentos foi o fato de que, aparentemente sem transição, estava sendo transportado para a carne, até mesmo sem ter estipulado que tipo de vida gostaria de receber.

Não era certo que as pessoas são ouvidas e que as famílias se reúnem para dar a seus membros as melhores oportunidades para o resgate dos débitos?

Nessa altura, pedimos-lhe para confiar em que a regressão seguinte lhe daria as respostas.

PASTOR SEM REBANHO

A segunda regressão propiciou a Lourival série imensa de surpresas desagradáveis.

Quando quis encontrar aquela que respondera pelo nome de Margarida, não encontrou. Não se encarnara para as provações conjuntas.

Estranhamente, não reconheceu também nos pais e nas demais criaturas consanguíneas quem quer que fosse das antigas e das recentes encarnações. Era, sem dúvida, ave em outro ninho.

Preciso é que se diga que, durante a hipnose, não há perfeito entrosamento entre o magnetizador e o paciente, de forma que as dúvidas devem resolver-se pelas observações e pelo raciocinar mais aguçado de quem conhece outros dados que possam explicar causas e consequências dos eventos considerados.

De pronto, Lourival percebeu que não estava sozinho na caminhada, pois o plano espiritual o assistia com muita veemência, haja vista que muitos carinhos lhe foram destinados, gentilmente retribuídos desde a mais tenra infância.

Era ilha de paz e de felicidade que, no estágio atual, não sabia explicar. Teria querido afastar-se dos desmazelos morais, para enfrentar maior rigidez doutrinal e mais profunda disciplina religiosa?

Saltou para a idade madura e se viu na condição de pastor, respeitadíssimo dentro da comunidade, recitando os Provérbios de Salomão e os Salmos de Davi. Quis refazer a memória, pela leitura da Bíblia, e alcançou sucesso. A vida entre os mórmons, em país de língua inglesa, foi levada sem ânsias.

Voltando à pátria, viu-se unido a algumas mulheres, estas, sim, reconhecidas dentre aquelas que lhe ofereceram carinhos clandestinos na anterior peregrinação pelo orbe.

Mas a rigidez moral do grupo não admitia a mesma liberalidade sexual das comunidades estrangeiras, de modo que se casou, sem amor, com uma das fiéis, filha de importante ministro, com quem se uniu para dar oportunidade de acesso à carne a inúmeras criaturas, doze no total, que não reconheceu dentre nenhum dos familiares das demais encarnações.

Recordou-se da descrição anterior, quando juntou as quatro vidas numa só, e desejou saber a causa de ter sido escorraçado do culto, já que havia ofendido a honra de uma das irmãs.

Agora não mais se dava o fato. Viveu vida longa e pacata, ao lado da esposa, cercado pelo afeto de todos.

Que ocorrera para não se poder considerar integrante de tal grupo?

Precisou, para responder à questão, penetrar no Umbral, após o decesso. Viu-se perante colônia de protestantes intransigentes nas regras de procedimento religioso, não admitindo quem levantasse qualquer problema de caráter bíblico, o que não era o seu caso, pois investia contra a letra dos registros sagrados, talvez até por força de sentimento de saudade ou da necessidade de restabelecer vínculos com os seres que magoara. Havia resgates a proceder.

Incomodado com as lembranças, avaliou que fora expulso, sim, mas da colônia espiritual, por ofensas graves à honra da esposa, que o queria manietado intelectualmente, na irreflexão de quem não admite o mundo para todos os sofredores, para todos os carismáticos das demais seitas, para todos os filhos de Deus, na expectativa de que o Céu se abrirá só para os eleitos. Era gente que levava a sério as premissas religiosas do culto, a ponto de se encegucarem para a verdade espiritual.

Aqui, Lourival não foi capaz de caminhar sozinho, já que não se supunha suficientemente cordato para ter admitido cair em círculo tão restrito, ao mesmo tempo que não concebia razões para que o grupo o aceitasse como membro efetivo, nos repentes de vida inteira sob coação.

Levamo-lo a considerar as peripécias anteriores ao encarne, quando foi convocado pelos protetores para o reingresso. Havia, de há muito, decidido perseguir os familiares, contra quem se insurgira quando cunhados. Contudo, passara muito pouco tempo desde que desencarnara e a maioria dos que seriam alvo de perseguição permanecia no mundo denso, inclusive Margarida.

Como não tinha noção do tempo, não sabendo o que se passava com os demais, resolveu integrar-se ao grupo requisitante, já que estava em crise e havia a informação de que evoluiria, se se prestasse a serviços junto à comunidade dos protestantes. Foi, pois, aceito pelos responsáveis pela congregação no etéreo, mesmo porque teriam méritos por receberem ser tão degradado no aspecto moral. Era o meio de que se utilizavam (como ainda agora) para prestação de serviços socorristas, sempre no intento de arregimentação doutrinária.

Algumas irmãzinhas aproveitaram-se dos contactos realizados e, à medida que se despediam do corpo terreno, iam encaminhando-se para novas realizações. Foi assim que cresceram em conhecimentos morais, não tanto para a subtração dos débitos, mas para novas investigações e perquirições conscienciais.

Lourival quis saber como e onde se encontravam presentemente, mas não lhe respondemos, a não ser por generalidades, já que poderia reconhecê-las na carne, em sua esfera atual.

Expulso da colônia protestante, Lourival não se comoveu e buscou os companheiros e adversários de outras épocas, para os ajustes de contas e para as composições familiares mais convenientes. Queria reencontrar-se na carne com Margarida e faria qualquer sacrifício para alcançar tal objetivo.

Apagamos-lhe, todavia, a visão desse período, para levá-lo a refletir sobre as consequências do tempo em que passou protestante e pastor. Não poderia considerar-se

vitorioso, mas adquirira noções muito melhor estruturadas no campo religioso. Abriu-se-lhe a vista para a defesa intransigente das pessoas da comunidade. Se há exclusão de quem não partilha dos mesmos ideais, há, acima disso, fraternidade, solidariedade e muito amor, compaixão e comiseração pelas falhas dos que se apresentam arrependidos, por se julgarem absolutamente desorientados do lado de fora, na erraticidade.

Há sofrimento, dor, infortúnio, já que a perfeição não se atinge e o paraíso não se abre. O Senhor parece renegá-los e isso é causa de martírios e de pungentes e dolorosos sacrifícios. É o mal do fanatismo, da irreflexão, da vontade de superação das condições humanas ou espirituais, sem a contrapartida do estudo sério e honesto da verdade evangélica. Querem que as palavras de Jesus os sirvam na contextura de sua filosofia. Não aceitam alterar a formulação de suas concepções.

Mas são firmes na defesa dos que titubeiam no auxílio comunitário. Impedem o desenvolvimento livre, porém, dão amparo para que não se desande para as trevas exteriores. Em suma, concluía Lourival, dormem o sono da espera do juízo final, aguardando que soem as trombetas dos anjos.

Eis que começava a entender os dizeres que lera em diversas obras mediúnicas.

Pôs-se de joelhos e orou sentida prece de agradecimento, por ter sido agasalhado e perdoado pelos irmãozinhos. Lembrou-se dos sacerdotes católicos contra quem arremessava vibrações negativas, ainda mais porque não toleram os conceitos espíritas, e chorou amargamente, reconhecendo a fragilidade de suas virtudes. Se estivesse ele no comando da organização espiritual protestante, teria tido a boa vontade de admitir tais entidades como companheiros de jornada terrena?

Deixamos o irmão entregue a tais cogitações ali mesmo, ao lado da tumba fictícia de sua mente perturbada. Somente após a configuração de todas as respostas a respeito da situação psíquica do momento do novo encarne é que o imantaríamos para a regressão seguinte.

NA UMBANDA

Assim que se deparou de volta ao orbe, espantou-se Lourival que portava a pele negra. Como fora aquilo? Lembrava-se de que Felícia era, realmente, descendente de africanos. Mas a sua cor era completa novidade.

Como é que regredira nos aspectos intelectuais? Será que viera na qualidade de *negro-príncipe*, de *negro-líder*, de *negro-revolução*?

Avaliou o local do encarne e verificou que se tratava de Salvador, capital da Bahia, em época bastante posterior à libertação dos escravos. Seria simples e maneiroso explorador do turismo?

Sabia-se pai de santo, pois as primeiras recordações lhe indicavam claramente o fato, mas não se dera conta de que estaria convicto até às raízes de todas as práticas do terreiro. Parecera-lhe que fora para a umbanda fugido do protestantismo e do catolicismo. Evidenciava-lhe, agora, o fato de que não teria alternativa religiosa.

Pesquisou a origem dos pais, dando-se conta de que a família derivava os conhecimentos diretamente das crenças africanas.

Se lhe dissessem que conhecia todos os cantos e pontos, que sabia de cor todas as linhas dos orixás, que estaria em condições até de revelar o que de secreto se faz nas tendas para a iniciação dos neófitos e para os demais trabalhos de proteção ou de auxílio, refutaria o pensamento de pronto.

A curiosidade o arrastaria para as questões da crença, mas não nos interessavam tais arremessos culturais. Era preciso que apreciasse o desempenho moral relacionado às pessoas do grupo familiar que o acompanhavam na aventura carnal.

Lourival pôs-se de sobreaviso para conosco, com medo de que iríamos perturbar-lhe as investigações, mas logo compreendeu que fora burlado pelo destino, uma vez que Felícia, muito jovenzinha, em trabalho de parto, o deixou às voltas com a criação e educação de casal de gêmeos.

Sabia que Margarida se transvestira, como ele mesmo, e que o amara apaixonadamente. Mas era simples menina. Não tivera oportunidade de crescer para a madureza das sensações. Recordou-se dos clubes de fãs dos artistas de projeção nacional ou internacional e comparou a esposa com as criaturas envolvidas sentimentalmente com os fantoches produzidos pela *mídia tecnológica*.

Não gostou das aproximações psíquicas, mesmo porque a sua querida não possuía qualquer lustro cultural, analfabeta e dedicada às tarefas rotineiras dos terreiros. Ali, sim, se estimulava para as invocações e se deixava imantar com facilidade para a incorporação das entidades.

Lembrava-se bem de que conseguira recusar-se a oferecer o corpo para Exu e demais entidades da maldade. Ele, ao contrário, deixava-se levar por quanto espírito desejasse fumar e beber, crendo-se dominado até à inconsciência.

Temeroso de ter facultado algum crime para a perversidade dos elementos que buscavam na quimbanda as soluções para os enteveros pessoais, desejou vasculhar todas as lembranças das inúmeras participações nas sessões públicas e reservadas do lar espiritual que o resguardava e para o qual se considerava obrigado a dar de si de maneira absoluta.

Mas as coisas se lhe desfizeram na mente, sem que chegasse a grandes resultados. Viu-se envolvido com as forças policiais, acusado de assassinato, mas não chegou a decifrar o mistério. Parecia imantado para a consecução dos atos da maldade.

Como nos pesadelos dolorosos, Lourival rogou-nos que o despertássemos, pois se acreditava em débito em relação a muitos seres, por não lhes ter facilitado a compreensão da bondade, do amor, da comiseração. Eram as virtudes que lhe faltaram naquele ambiente triste, onde a fome dos filhos era a constante que o levava a perlmstrar os descaminhos das loucuras.

Quis saber com que idade deixara o orbe. Vinte e oito anos.

Qualquer outra informação iria perder-se no vazio das recusas das considerações morais a respeito. O que desejava saber, verdadeiramente, era a razão de ter sido abandonado pelos instrutores, pelos benfeitores. Especialmente, voltava-se contra a minha figura, pois crescia-lhe o temor de que fora levado àquela situação penosa por alguém que sabia estar apaixonado pela criatura que o amara com exclusividade.

Dessa vez, precisei afastar-me do contacto hipnótico, caso contrário o amigo iria escapar da influenciação do grupo.

Recorremos, então, aos espíritos a quem dera permissão, à época, de frequentar a carne na qualidade de filhos. Verônica e Nicanor se apresentaram e Lourival logo descobriu que não poderia ter sido diferente, uma vez que, irmãos, iriam buscar os parceiros com quem mais tarde voltariam unidos para outra encarnação.

A presença de tais seres foi suficiente para despertar-lhe o interesse pela solução dos problemas morais. De novo equilibrado emocionalmente, inquiriu a respeito do destino das pessoas que orientara mal ou que ferira, na ânsia de cumprir as obrigações determinadas pelos orixás.

Aos poucos, foi compenetrando-se de que a consciência estava a pregar-lhe uma peça, pois, sem se dar conta, vovera a sofrer as mesmas dores do último perpassar umbrático. Como é que agora o Pai permitira que sofresse duas vezes pelas mesmas falhas? Quem poderia explicar-lhe o contrassenso?

As questões se acumulavam, sem que fosse capaz de dar respostas.

Provocamos, então, forte regressão às épocas em que perambulava errático em busca de Felícia. Constatou que estava ensanguentado e que não se continha de furor. As ânsias eram muito piores que os simples estremecimentos de agora. Havia sido,

evidentemente, despachado de forma criminosa para o outro lado, mas consciente de quem fora o antagonista.

Forte tendência para o perdão assegurou-lhe que havia ultrapassado a fase das perseguições. Desejou saber a razão de estar tão envolvido com tal desafeto e nós lhe confiamos a identidade da mulher que o atraíra. Reconheceu Catarina. Mas não se assombrou com a calma revelação. Era claro que a tentativa de união de ambos se registrara na peregrinação mais recente.

Quis saber por que fora adotado. Será que não teria sido melhor ser filho natural? Não lhe foi difícil perceber que fora rejeitado para a concepção.

— *Quanta luta, meu Deus! Quanta luta...*

Lourival estava próximo de todas as verdades. Faltava-lhe decifrar a existência daquele cordão luminoso a perder-se no vácuo fluídico que se lhe abria à visão para além da espessura energética em que se situava.

Estava, evidentemente, confuso e impossibilitado de raciocinar a respeito do que quer que fosse.

Demos-lhe passes para a regeneração da memória, para que não se confundisse com as personagens que lhe apareciam e desapareciam de contínuo. Incapacitado de observar o quadro das representações, de qualquer modo deixava lá impressas as motivações existenciais mais dolorosas. Era fácil, portanto, para os encarregados da reintegração de sua personalidade avaliar o grau da santa loucura a que se entregara.

Riscos de ser tragado pelas trevas não havia, de modo que o deixamos envolto em graves pensamentos, no aguardo de que despertaria para nós assim que se convencesse de que o Pai fora misericordioso e justo, ao lhe ter proporcionado a oportunidade de crescer dentro da doutrina espírita, na derradeira encarnação.

Não queríamos que fizesse a apologia das teses kardequianas, mas tínhamos a esperança de que pudesse perceber que todas as leis por elas enunciadas estavam sendo a base sobre que erguer o edifício da evolução.

— *Felícia! Felícia!* — repetia, constrangido, como se houvera sido causa de infelicidade que só sua lembrança apontava, já que se não traduzia o sentimento íntimo na tela da projeção consciencial.

De repente, o entendimento. Lourival rojou-se ao solo e desejou abraçar aquele ente que lhe dera...

RECLUSO

Não lhe permitimos grandes expansões de arrependimento, pois o conflito íntimo não se justificaria pelo desenvolvimento das revelações. Mais tarde, conforme o andamento das peripécias conscienciais e dos influxos vibratórios relativamente aos demais e de acordo com a possibilidade de recepção ou de rejeição das vibrações antagônicas ou de amizade, iria ter de enfrentar sozinho as reações do caráter.

Todas as informações que pretendíamos assimiladas da memória estavam frescas na mente, de modo que haveria de ficar um tempo em suspensão vital, para formular ou reformular planos de atuação cármica, se nos forem permitidas tais expressões à falta de terminologia técnica adequada. De qualquer forma, haveria de digerir os elementos extraídos das outras encarnações, juntando-os aos fatos recordados dos períodos de trevas ou de penumbras no etéreo, para o que não poderia sofrer a interferência de outro ser interessado neste ou naquele aspecto, em detrimento dos que consideraria Lourival os mais importantes.

Isolá-lo era de lei, de modo que fizemos que se interessasse pelo cordão luminoso a seus pés.

Queria fazer muitas perguntas, mas coagimo-lo hipnoticamente a que seguisse atrás da luminosidade que se estendia terra adentro.

Lourival foi acompanhando o mistério, percebendo que o cordão, à medida que avançava, ia incorporando-se ao seu vestido astral, em absorção perfeita.

Súbito, a maior surpresa: o leito hospitalar e o seu corpo arremessado sobre ele, arfante, os batimentos cardíacos acelerados, estranho instrumental mecânico e eletrônico a marcar-lhe os sinais de vida.

Observou bem a face e estremeceu. Como é que não se apresentavam as rugas, a brancura e as falhas do cabelo? Estava-lhe nítida na retina a fisionomia de velho. Não fora assim que se vira no espelho d'água do vaso?

Que fenômeno era aquele?

Aos pés da cama, junto à parede, jazia Ernestina, largada em desconfortável poltrona, em comovente vigília de dor. Lourival não viu as lágrimas, o abatimento, as olheiras fundas, o descuido da aparência nem as roupas amarfanhadas. Viu, sim, que Ernestina estava bastante jovem, em plena maturidade dos quarenta.

De repente, sem que pudesse interpor resistência, foi coagido a reassumir o corpo físico, como quem volta de longa viagem. Os olhos estavam permanentemente abertos, de modo que podia ver, sem, contudo, oferecer comprovação de que estava ali.

Ernestina, não tendo passado muito tempo, aproximou-se e depositou uma gotícula em cada vista. Era o colírio que impedia de secarem-se.

Lourival desejou movimentar os braços ou as pernas. Estavam paralisados. Mas a mente fervilhava. Esquecera-se de que estivera em sono durante tanto tempo e só pensava em resolver os mistérios.

O ritual do atendimento da enfermagem e dos médicos se sucedia, esperançosamente, desde que abrisse os olhos, o que trouxera mais vida à esposa.

Ansiava por volver ao relacionamento, mas as lembranças das vidas anteriores estavam muito vivazes, prontas para o estudo sério das leis de causas e conseqüências. Precisava lembrar-se, todavia, das normas espíritas, para pô-las em prática. De que vale a filosofia, se estiver em plano absurdamente diferente daquele em que se regem os procedimentos?

Principiou Lourival por perceber que Ernestina lhe dava todas as atenções. Quis verificar se havia alguém do plano espiritual presente, mas não conseguiu visão fluídica para o efeito. Será que alguém lhe assopraria algo aos ouvidos? Nada. Estava limitado pelas sensações possíveis de corpo despojado de movimentos.

Começou a tentar perceber se os sentidos estavam realizando algum trabalho, tal como enxergava o que estava ali à volta, sem poder de fixação.

Vozes longínquas chegavam-lhe, sem que pudesse caracterizá-las. A pele não lhe transmitia a sensação térmica dos cobertores que distinguia sobre si, mas também não podia dizer sentir frio. A língua estava grosseiramente postada, inerte. Nenhum odor.

Como estaria sendo alimentado? Por via intravenosa. Há quanto tempo estaria ali? A memória o traía. Não se lembrava de muitos acontecimentos recentes. Sofrera distúrbio cardíaco? Mental? Sofrera abalo nervoso em virtude de tumor? E se fora atropelado?

Vozes se aproximavam mais claras. Uma era masculina. Reconheceu José Leocádio. Iria topar de novo com o espírito que ameaçara conduzi-lo ao abismo?

O amigo entrou acobrinhado, em companhia de Isabel, oferecendo-se para substituir Ernestina, que diziam acabada. Recomendavam-lhe que buscasse ar fora. Que fosse alimentar-se. Descansar.

Lourival estava totalmente alheado dos acontecimentos.

Naquele estado de choque, o trauma não era simplesmente físico. Milhares de perguntas cruzavam-lhe a mente, sem respostas. Que acontecera, afinal de contas?

Nesse passo de raciocinar, Lourival passaria dez longos dias e noites. E nós não poderíamos interferir. Caberia a ele descobrir razões para prosseguir vivendo. Se as achasse e se desejasse sobreviver ao acidente, dar-lhe-íamos, com a anuência dos espíritos superiores, condições de volver ao plano dos relacionamentos. Poderia ocorrer de ficar em coma, até completo definhamento. Poderia estourar algum órgão vital, antecipando o desenlace.

Aguardaríamos.

A DECISÃO

Dizer que Lourival acordou para o plano espiritual satisfeito seria, no mínimo, forçar-lhe os sentimentos de compaixão para consigo mesmo. Tinha, é claro, muito para agradecer, no reconhecimento de que fora ajudado por inúmeras criaturas amigas e por protetores que não foi capaz de identificar.

A mim, particularmente, estendeu afetosamente a mão, em comovido aperto, como se promessa fora de solidariedade e de companhia perene, no amor do Cristo. Era a fraternidade que se selava, para além dos limites da dor e dos resgates que alguém pudesse cobrar. Era a compreensão da necessidade de integral reconciliação. Era a percepção de que trabalhara eu com afinco, para poder ele alcançar tal nível evolutivo.

Mas havia decisões importantes para serem tomadas junto aos que se encontravam encarnados.

Lourival queria saber se todos os seres de seus relacionamentos lhe perpassaram pelas lembranças ou se havia esquecido quem permanecesse hostil.

Informamos-lhe que havia entidades profundamente enlacradas na maldade, as quais não teria sido conveniente trazer das profundezas das trevas, dado que não viriam sozinhas, o que complicaria deveras o trabalho socorrista, sem adiantar um passo na direção do que objetivávamos, ou seja, predispô-lo a enfrentar as crises conscienciais, para conhecimento mais intenso de si mesmo, no intuito de fazê-lo alterar o rumo do destino na presente encarnação, como ainda para propiciar-lhe condições de resgate de débitos, após o desenlace.

Explicamos-lhe, também, que havia amigos encarnados, mas sem possibilidade de alcance, para proveitosos encontros *cármicos*.

De qualquer modo, não era hora para profundas explanações a respeito, dado que urgia o tempo da reintegração familiar. Cuidasse dos mais próximos e exercesse mais evangelicamente o apostolado mediúnico e espírita, que era essa a missão com a qual concordara.

Se quisesse, poderíamos revelar-lhe a causa mais profunda de todos os problemas na carne, com o internamento hospitalar e o coma profundo de tanto tempo.

Assustou-se um pouco com a perspectiva de algum choque emocional, mas garantimos-lhe assistência fluídica prévia. Se quisesse, poderia ser levado à cena do acidente como espectador, para não reviver as sensações psicológicas, agora amainadas.

A alternativa agradou, de modo que pudemos magnetizá-lo para o efeito anímico.

Naquela noite, Lourival havia estado com o amigo Zezinho e com Isabel. Ernestina tinha ficado em casa para cuidar dos preparativos do Natal, de forma que o papo com os bons católicos iria estender-se até de madrugada.

Não desistia o amigo de fazer ver ao casal que o espiritismo estava com a razão, quando afirmava que existia local em que se curtiam as maldades, para regresso à carne. Enfatizava que a lei da reencarnação existia para exaltar a divina justiça, ao contrário dos postulados católicos.

Zezinho ameaçava-o contudo com algo muito mais terrível: as chamas infernais, mas fazia-o sem convicção, para fomentar o discurso de Lourival, na ânsia de demonstrar que a eternidade da pena era meio de separação entre pessoas que se estimavam, bastando que um fosse para o Inferno e o outro para o Purgatório. Gostaria Zezinho de se separar de Isabel?

Está claro que as risadas indicavam que a conversa era pândega e que os gracejos demonstravam o valor das amizades.

— *Para que outro lugar pensa você que Isabel vai ser mandada? Já pensou a minha completa felicidade no Céu, harpejando com os anjos? Vou esquecer todos os sofrimentos que tenho passado com ela...*

— *Como você quer me mandar para lá também, pelo menos faremos companhia um ao outro...*

— *Da mesma forma que Ernestina, indo para junto do Senhor...*

Não adiantava formular pensamentos muito sérios perante tanta facilidade material. Lourival lembrava-se dos filhos tragados pelas águas. Era quando buscava relaxar das lembranças tristes, tomando uns tragos a mais. Naquela hora avançada da noite, na boa companhia dos amigos, seguro de que cumprira os deveres espíritas, naquela mesma noite, junto ao centro, deixou-se embalar por certa confiança em que tudo já fizera na vida.

Há algum tempo, o tédio vinha assumindo-lhe grande parte dos pensamentos e emoções. Parecia tudo já visto. A vida se desenrolava da repartição para casa. As sessões de desobsessão eram muito movimentadas, mas os sofredores traziam problemas fáceis de resolver. Bastava que se integrassem em turmas de estudo evangélico, como muitas de que ouvira falar, espalhadas pelas colônias espirituais. Era assim que definia as dores: falta de ter o que fazer. Seguissem os benfeitores da espiritualidade e teriam sucesso no conhecimento dos carmas.

Não colocava paixão nem amor nas palavras. Era o simples cumprimento de tarefa, muitas vezes até bastante desagradável, mormente se os médiuns se deixavam dominar pelos obsessores.

Lourival lembrava-se de que lera muito para entender a filosofia de Kardec, mas não se convencera de todos os pontos. Era rebelde em diversas questões doutrinárias. Durante as discussões dos grupos de estudos, opunha Kardec a Kardec, lembrando-lhe as

assertivas relativas ao contínuo progresso por que tudo passava no mundo, inclusive as ideias e os fenômenos de caráter espiritual. Em suma, se não era dissidente, ao menos julgava que os companheiros não se dedicavam com afinco à reflexão recomendada pelo mestre de Lyon.

Despediu-se acabrunhado, pensando em mais um Natal paupérrimo, ele e a esposa junto à árvore e a umas poucas peças do presépio, na recordação do nascimento de Jesus e das crianças, na felicidade perdida.

O carro deslizava rápido pelas ruas escuras e vazias. A cabeça zunia com o vento da janela aberta. O frescor da noite embriagava-o, fazendo-o esquecer-se da hora, do momento, do tempo, da vida... Percebeu que o carro se desgovernara, mas não envidou esforços para recompor o trajeto sobre o asfalto. Viu a árvore, o poste, o portão da casa, na sucessão das batidas. Pela mente lhe passou a necessidade de se reencontrar com os que partiram. Se fosse preciso, apresentar-se-ia sofredor perante os médiuns, para as explicações e encaminhamentos de praxe...

Lourival chorava copiosamente. Entendera que estivera muito perto do suicídio. Se tivesse tido um tumor ou qualquer outra possibilidade de passamento, ainda assim seria considerado suicida voluntário.

Rememorou rapidamente as alucinações no etéreo e verificou que o trabalho dos benfeitores fora muitíssimo bem sucedido. Era capaz de avaliar até os falsos julgamentos em relação às atitudes de Zezinho, que aparecera para levá-lo para o abismo. Compreendeu a alusão metafórica em relação à separação do casal. Deu com a importância da projeção das ideias no futuro, vestindo-se de velho para o efeito de passado que se realizaria, se prosseguisse agindo daquela maneira inconsequente. Percebeu a necessidade da hipnose para o tratamento das afecções espirituais, pois, em sua consciência, não teria recursos para fugir do ramerrão das ideias comuns de encarnado desprovido de interesse pela vida.

Durante os dez últimos dias, pudera estabelecer, com clareza, os vínculos das diferentes encarnações, para a caracterização dos pontos evolutivos seus e de quem mais pudera ter sob exame, dado que nem todos os elementos estavam sob controle. Mas valia a pena retornar à carne para reajustar os caminhos, rumo à perfeição possível dentro dos campos sagrados do espiritismo. Definiu a personalidade como falha e os sentimentos como egoístas. Deu nota muito baixa ao intelecto e zerou o aproveitamento dos estudos. Se pudesse reassumir todo o domínio do corpo e da mente, iria apresentar-se como ser espiritualmente rejuvenescido. Lembrava-se de ter lido a respeito das pessoas que saem do corpo durante atos cirúrgicos e das deliberações de viverem mais intensamente. Queria a mesma sensação.

Acrescentava, agora, o débito do suicídio. Iria trabalhar para resolver os problemas provocados junto às outras pessoas. Iria...

Nesse ponto das promessas, interrompemos, para não lhe dar excessivas responsabilidades. Antes de volver aos braços da esposa e dos amigos, teria de anuir com a divulgação do relato que estávamos elaborando a respeito dos acontecimentos que se deram durante seu afastamento temporário do corpo.

Lourival demonstrou-se apreensivo, especialmente porque iria evidenciar-se que atentara contra a vida, o que poderia facultar às pessoas a emissão de vibrações hostis contra ele. Julgava que precisava ser convencido, caso contrário não se responsabilizaria pelas consequências desastrosas junto aos relatores.

Entregamos-lhe as anotações rascunhadas até o capítulo anterior. Que lesse, que meditasse, que julgasse, que formulasse questões, que tergiversasse, que discutisse, que enfrentasse novamente as nuances temperamentais dos tempos do degrado da matéria. Voltaríamos a encontrar-nos.

ANUÊNCIA

Não precisou de muito tempo para acatar a ideia de que estes escritos possam fornecer excelentes elementos para a reflexão dos encarnados, não tanto pela fluidez do relato nem pela perfeição dos conceitos nem, ao menos, pela novidade dos temas, mas, dizia-nos, pela proximidade psicológica com as pessoas que não têm certeza da destinação da vida.

Julgou os dizeres muito complexos, até mesmo quando traduzimos em estilo livre indireto as falas ou pensamentos. Considerou que o médium deveria decifrar algumas expressões com muita dificuldade e quis avaliar como é que os capítulos estavam sendo transpostos para a linguagem humana, mui particularmente para o português.

Nesse ponto, lembrou-se de que não falava absolutamente nada em inglês e que pouco estudo tivera, conquanto, em outra encarnação o fizera correntemente. Aliás, inclusive a língua do berço lhe provocara problemas, quando se lembrava dos arrevesados de antanho. Seria a falência da tese do conhecimento inato?

Não lhe foi difícil perceber que cada pessoa possui personalidade distinta, sendo mais fácil para uns que para outros assimilar conhecimentos em todos os campos. Não quereria isso dizer que as pessoas que melhor aprendessem tivessem cabedal mais substancioso, senão que teriam maior facilidade de filtrarem do perispírito para o processo cerebral de encarnados os elementos necessários para a utilização em momento oportuno.

Curioso, quis saber se havia deficiências de entrosamento entre o perispírito e o corpo denso da matéria, a promover maior ou menor filtragem. Ouvira dizer que as criaturas mais precoces teriam incríveis fissuras nos tecidos cerebrais, de modo que seriam capazes de ler diretamente nas ondas perispirituais.

Sem querer transformar estes apontamentos em lições de espiritismo, podemos afirmar que lhe passamos a ideia de que as suspeitas eram perfeitamente cabíveis. Entretanto, não haveria que generalizar, pois a vestimenta carnal é bem capaz de conter ingredientes físicos, energéticos, vibratórios, celulares, bioquímicos ou de qualquer outra ordem, para facultar a aproximação dos neurônios de maneira ordenada, própria para o desenvolvimento das ideias e a fixação dos conceitos e dos conhecimentos.

Se quisesse mesmo saber, teria de avaliar como é que as pessoas conduzem o procedimento, em função da melhor aplicação possível desses dons, no favorecimento dos

semelhantes, conforme a pregação cristã. Tudo se resume, finalmente, na moral evangélica.

Mas não nos esquecemos de trazê-lo perante o médium para verificar o trabalho de transmissão das mensagens. Impressionou-se, sobretudo, com os aparatos de que dispõem os integrantes da *Escolinha de Evangelização* encarregados da imantação, bem ainda com a facilidade com que se dão os ditados. Particularmente, tentou seguir a datilografia na tela do computador, imaginando como é que o cérebro do encarnado não se atrapalhava com tantos dados fornecidos em sequência, ao mesmo tempo em que controlava, com segurança, os aspectos gramaticais.

Pedimos-lhe que lesse dois ou três capítulos já transmitidos, para assegurar-se de que não se justificavam os temores do outro dia.

Advertiu-nos para o fato de que alguns nomes se mantivessem dentro da realidade, mas não temeu a descoberta das identidades, uma vez que as personagens principais estavam devidamente camufladas através de nomes fictícios.

Interrogou-nos longamente a respeito de inúmeros fatos, buscando entender os liames psíquicos para o efeito das aparências, na contextura de realidade que seria absurda, se acontecesse exatamente da maneira pela qual lhe parecera na primeira oportunidade.

Sugerimos-lhe que evitasse comentar os aspectos pendentes de resgate, de forma que deveria restringir-se a um ou outro caracterizadamente técnico.

Quis saber sobre os processos de hipnose ou magnetização. Se eram semelhantes aos aplicados aos médiuns para a incorporação, intuição ou inspiração. Demos-lhe prática demonstração, levando-o a centro espírita, justamente no momento em que se dava a manifestação de espíritos obsidiados.

Em seguida, trouxemos um dos amigos em tratamento para pequena sessão de regressão, momento em que as diferenças de técnicas de imantação se evidenciaram. Contudo, duas observações seriam imprescindíveis naquela oportunidade. A primeira é que tais conhecimentos ficariam obscurecidos, se voltasse a frequentar a companhia dos encarnados. A segunda é que não teria condições de aplicação, não sem antes passar por cursos de aperfeiçoamento no etéreo, o que só poderia acontecer depois da morte e se adquirisse merecimentos.

Lourival aproveitou o momento de lucidez para aprovar a divulgação da história, mas pediu para que nunca, durante a encarnação, pudesse suspeitar de que tais textos se referissem à sua pessoa, caso viesse a tomar contacto com a obra.

Fizemo-lo ver que dificilmente haveria publicação do relato, dado que o interesse dos encarnados por tais temas era muitíssimo restrito. Além do mais, sabíamos dos critérios utilizados para a editoração espírita, de forma que se tranquilizasse quanto a tais aspectos mundanos. Por outro lado, não temesse a descoberta de algumas verdades, dentre as quais a mais importante era o despertar dos familiares para a possibilidade do suicídio, conforme ele mesmo tivera oportunidade de verificar durante a alucinação, quando as suspeitas seriam de Isabel em relação ao marido.

Por que não temeria? Porque o plano espiritual não no deixaria desamparado, mas forneceria muitos elementos para a descoberta das verdades, dentre as quais avultava o fato de que iria partir para as investigações relativas à adoção, o que terminaria por dar-lhe

a ideia de adotar várias crianças. Mas estes seriam trabalhos futuros, que se delineavam agora, mas que precisariam de inúmeras confirmações relativas a eventos que os antecederiam. Se nem ainda havia recobrado os sentidos...

Ler na obra que poderia ser ele seria fato consumado, desde que a informação de tão longo coma permanecesse fiel à realidade. E isto era fundamental para o entendimento das providências da aplicação da hipnose e para os processos regressivos da memória.

Tivesse paciência, mas ainda lhe restava saber a razão de ter permanecido tanto tempo lúcido durante o coma, até que permitisse a atuação dos benfeitores. Não fora isso que lera na primeira suspensão do relato?

Lourival titubeou quanto a querer ou não saber as causas reais que o levaram a rejeitar o auxílio da primeira hora. Por certo (raciocinava pelo avesso), era porque não desejava a revelação das intenções de abandonar o campo da matéria.

Suavemente, deixou-se imantar, esperando despertar junto à esposa, para os competentes exercícios fisiológicos preliminares, para volver a utilizar-se dos membros.

Mas as surpresas psíquicas não haveriam de terminar porque assim o desejasse.

A GRANDE DÍVIDA

Não pretendíamos forçar Lourival a aceitar a necessidade do exame da falha maior que sufocara há tempos. Para efeito da narração, devemos dizer que aguardamos vários dias até volvesse a nós, tendo envidado inúteis esforços de requalificação do domínio do corpo.

Havia a pesar sobre a deliberação algo muito misterioso, como se se desdobrasse em dois, um a crer em que só poderia ganhar com a revelação clara do drama íntimo, outro a cogitar nas tribulações que se seguiriam.

Foi preciso que interferíssemos, explicando-lhe a situação dos dois departamentos mentais, como se fora o consciente e o inconsciente, ou o *ego* e o *id*, ou o eu profundo contra a vontade imperativa da realidade sensória.

Somente com a promessa de que haveria suspensão das consequências no âmbito do cérebro, afastando qualquer injunção de desequilíbrio mental, é que conseguimos que atendesse aos reclamos dos orientadores, no sentido de pô-lo a par dos fatos que geraram tanto medo, tanta hesitação.

Esse pavor do descobrimento faria pensar em que Lourival soubesse de tudo com clareza, mas só desejasse evitar a divulgação ou a proclamação pública de algo que não só ele era capaz de conhecer, já que envolvia outros seres. Na verdade, sabia que algo muito grave havia para saldar, mas não conseguiria lembrar sozinho, correndo, aí sim, o risco de se ver em mãos vingativas ou de se precipitar nas trevas.

Enfim, relutantemente, aceitou a proposta de isolamento quanto aos reflexos negativos das vibrações dos encarnados que iriam obter tais informações. Acrescentava, pois, o argumento dos registros documentais, como se o mal pudesse aumentar para além dos limites da consciência.

O acontecimento que propiciou o desencadeamento dos problemas conscienciais se deu dentro da última encarnação.

Se os amigos estão lembrados, houve companheiro de folguedos infantis que pereceu vitimado em incêndio. Roberto era juvenzinho que Lourival cercava dos maiores cuidados. Viviam juntos e as travessuras sexuais os punham em condições especialíssimas,

segundo o julgamento de Lourival, que não permitia ao companheiro a liberdade de outras amizades.

Por outro lado, devido à falta de carinhos maternos, uma vez que Catarina era muito distante, conforme vimos, Lourival não conseguia aproximar-se das meninas da fazenda, para os folguedos e demais liberdades que tomava com Roberto.

Por questão de ciúmes, houve séria discussão entre ambos, tendo em vista que Roberto foi apanhado em carícias íntimas com uma criaturinha, filha de um dos colonos.

Em suma, para abreviar, pôs fogo na casa do amiguinho, não no intuito de feri-lo, mas de assustá-lo com a fumaça, para obrigá-lo a sair, desde que ali se refugiara para não apanhar.

Acontece que o fogo se propagou e a família pereceu carbonizada.

Lourival não foi surpreendido como autor do crime, tudo ficando na conta de acidente produzido por garrafa de álcool de que se serviam para acender o fogão a lenha.

Eis o drama íntimo, escondido severamente, no âmago da consciência.

Do jeito que relatamos, atendemos a pedido do amigo para que não dramatizássemos, embora a descoberta das reações psíquicas de defesa o tivesse deixado arrasado.

Mas Lourival quis saber quem fora Roberto e se a sua ação estava acobertada por sutil espírito de vingança, já que o relacionamento com o amiguinho lhe parecia absurdo, tendo em vista que jamais houvera, em suas lembranças, casos de homossexualismo, em qualquer das encarnações.

Foi preciso demonstrar-lhe longa série de crimes, desde tempos imemoriais. Como umbandista, o episódio em que se envolvera com a polícia acontecera porque despachara o infeliz, com certo golpe, atenuantes à parte pela ingestão das bebidas e pela atuação dos espíritos obsessores. Quem o assassinara voltando da casa da amante? Roberto.

Se fôssemos dar seguimento às investigações, veríamos que Roberto era o filho que Catarina perdeu. Mas estes acontecimentos deixamos de demonstrar ao amigo, para não suscitar pensamentos derivativos. O que desejávamos era que vasculhasse a memória para alcançar saber quais as promessas que se fizeram os dois, na angústia mútua da dupla perseguição. A ponto de receberem o apanágio de encarnações redentoras, não poderiam os desafetos permanecer inimigos ferrenhos.

E o paradeiro de Roberto?

Tratado com muita atenção pelos mesmos benfeitores de Lourival, aguardava impientemente um encontro, para conluíarem o resgate de ambos nesta mesma passagem pela carne. Se fosse preciso, arriscaria sacrificial implante em alguém que o deixaria órfão, para a adoção e o amor. Não será assim que se contará a história das reconciliações?

Eis a promessa da salvação. Lourival parou para orar em agradecimento à misericórdia de Deus.

O mais seriam providências para a volta ao corpo.

EPÍLOGO

Não devemos acrescentar muitas informações, já que os procedimentos regenerativos de Lourival estão em andamento.

Podemos afirmar que não foi difícil o restabelecimento da saúde, desfazendo-se a infecção, tantas foram as receitas de antibióticos. Em havendo vontade de volver à matéria, não tendo sido atingidos essencialmente os órgãos de locomoção, bem ainda agravados os distúrbios neurológicos, coube ao perispírito comandar a refacção do domínio bioquímico, através dos impulsos elétricos que se restabeleceram.

O milagre do ressurgimento da consciência para a realidade densa foi festejado por todos, em conagração de profunda fé religiosa, onde as orações se mesclaram de muitas emoções. Se houve quem ficasse pateticamente admirado, sem saber a que atribuir o retorno do amigo, também houve quem entendesse que as forças espirituais tivessem assegurado a plena reintegração do corpo físico, para os eventos que se seguiriam e que estariam perfeitamente entrosados com o carma de toda a equipe. Mas tais foram as atitudes extremas. A maior parte das pessoas agradeceu ao Senhor e passou adiante, que a vida é o revoltear das ações na busca da perfeição evangélica, no final das contas.

Presentemente, Lourival faz inúmeros exercícios de restauração muscular, acompanhado por médicos fisiologistas bem categorizados. Não haverá sequelas a lamentar.

Durante o sono, preocupa-se com os temas relativos à parte teórica da doutrina espírita, buscando resolver todas as questões com a ajuda do pessoal da regressão. Vai entendendo bem rapidamente as causas dos problemas, eximindo a culpa de todos os outros seres, atribuindo-se a responsabilidade de tudo. Não queremos levá-lo por trilha muito perigosa, mas a verdade é que definiu com precisão que as consequências são sempre justas, já que *a cada um segundo as obras*.

Deseja, durante os estudos, anular as vibrações emocionais, sabendo, porém, que as reações desse tipo irão propiciar-lhe meios de conhecimento pessoal de primeira grandeza.

Desperto, fica longo tempo acarinhando as mãos a Ernestina, não compreendendo exatamente a razão do gesto, mas crente de que sua vida a ela deve. Dois pombinhos, fazem promessas de eterno amor, como se estivessem em pleno namoro.

Quanto aos amigos mais chegados, Isabel e Zezinho, desistiu de convencê-los à adoção do espiritismo. Se deliberassem ter algum filho, até consentiria em levá-lo à pia batismal, desde que não fosse obrigado a nenhum curso...

Quando interrogado onde estivera espiritualmente durante o coma, Lourival não soube responder. Sabia que fora visitar os parentes, gente vestida de branco como os médicos, que lhe deram muitos conselhos, principalmente para que retornasse ao plano material e que reformulasse os conceitos de vida. Queriam também que investigasse o passado, pois parecia-lhes que algo ficara devendo e, por isso, não estava sendo recebido em festa.

Em suma, adquiriu a noção de que estivera do outro lado do mistério, mas ficou muito longe de suspeitar por que caminhos fora conduzido. Mas valorizava a vida como nunca, dizendo-se mau a ponto de ter sofrido grave acidente automobilístico, sem que tivesse sido capaz de frear o veículo. Achava que não fora inteiramente acidental a batida, mas não tinha noção das causas que o levaram a acidentar-se. Lembrava-se do excesso de bebida, mas dava ao fato o aspecto de agravamento da irresponsabilidade.

Quando quis debater o assunto com a esposa, percebeu que não iria obter sucesso no levantamento da hipótese do desejo de morrer. Seria o mesmo que dizer a ela que não lhe desejava mais a companhia. Por isso, calou-se.

Aguarda, agora, oportunidade para voltar à repartição, dando sequência natural aos compromissos profissionais. Soube estar de licença médica, renovada periodicamente, sem prejuízo dos vencimentos. O hospital nada lhe cobraria, visto ser destinado ao atendimento dos servidores públicos, o que lhe proporcionava economia extraordinária que poderia destinar a algo mais grandioso. Não sabia ao certo em que sentido, mas a vida iria sofrer profundas alterações.

Quanto aos companheiros ligados ao centro espírita, solicitou que orassem por ele e que fizessem que sua presença ficasse demarcada nas reuniões através da leitura de mensagens que escreveria, no oportuno comentário a respeito das virtudes evangélicas. Não queria dar lições, mas iria conduzir os pensamentos para áreas muito distintas das para onde o levavam as preocupações de antes do acidente.

Estamos sendo informados que já escreveu sobre a bondade, a comiserção e o perdão, enfatizando a necessidade do domínio integral da personalidade para se adquirirem méritos para o progresso rumo ao Senhor. São entrecchos mesclados de muita poesia, como quem retorna do paraíso para contar aos demais o que viu e o que sentiu. Não nos disse, mas sabemos que pretende desenvolver a inspiração para a descoberta dos padrões pessoais de procedimento. Quem sabe, incidentalmente, possa descrever os acontecimentos que geraram a estadia no hospital... No mínimo, se treinar com afinco, encaminhar-se-á para a psicografia.

São sintomas de que a memória não se perdeu completamente, mas que se revela por sugestões de trabalho que poderão conduzi-lo às soluções dos problemas.

Neste momento, membros do grupo de protetores estão ao seu lado para imantá-lo.

Deus nos proteja a todos e nos inspire para o conhecimento da verdade!

Indaiatuba, de 15.11 a 17.12.93.